



LUÍS MIGUEL DA LUZ ALMEIDA DOS REIS

Terrorismo: o Estado Islâmico, uma evolução da Al-Qaeda

Tese com vista à obtenção do grau de

Mestre em Direito e Segurança

Orientador:

**Professor Doutor José Manuel Anes, Professor Convidado da
Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa**

Lisboa, Novembro de 2015

Declaração de Autoria e Compromisso Anti Plágio

Declaro por minha honra que o trabalho que apresento é da minha autoria e original, estando todas as citações ou referências bibliográficas correctamente identificadas. Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui uma grave falta de ética e disciplinar.

Lisboa, 16 de Novembro de 2015

Luís Miguel da Luz Almeida dos Reis

Aluno N° 003704

Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa

Elaborar uma dissertação de mestrado não é algo que possa surgir espontaneamente. Requer um amadurecimento das ideias e a motivação para a feitura de um processo desta amplitude.

Dedicatória

À minha mulher e aos meus filhos.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Doutor José Manuel Anes, que teve disponibilidade para as minhas dúvidas, pela paciência e simpatia que sempre demonstrou para que eu conseguisse terminar a dissertação dentro do prazo de que dispunha.

A todos os professores que tive no âmbito curricular da Licenciatura e do Mestrado, por me terem dado as bases necessárias para a feitura deste trabalho.

À minha família, que me deu um grande apoio durante a realização deste trabalho.

Resumo

Este trabalho de tese tem como objectivo de estudo a relação entre o Estado Islâmico e a Al-Qaeda, tentando apurar se o Estado Islâmico será uma evolução da Al-Qaeda.

O tema que vai ser desenvolvido nas páginas seguintes resulta de fontes fidedignas, de forma a podermos obter as conclusões mais exactas possíveis.

Na elaboração deste trabalho foram utilizadas várias citações, com o objectivo de apresentar definições correctas e fazer deduções lógicas, com base em documentos.

Pretende ser um modesto contributo para uma reflexão sobre o tema, que nele é abordado de uma forma muito geral.

No decorrer do trabalho são abordados os conceitos de terrorismo, fundamentalismo Islâmico.

É feita a apresentação da Al-Qaeda, do Estado Islâmico e da resposta ao Terrorismo. Assim, o intuito desta tese é perceber o grau de complexidade de que é dotado o Estado Islâmico.

Palavras-chave: Terrorismo, Al-Qaeda, Estado Islâmico, Fundamentalismo Islâmico, Jihad, Abdullah Yusuf Azzam, Osama bin Laden, Ayman al-Zawahiri, Abu Bakr al-Baghdadi.

Abstract

This thesis' goal is to study the relationship between the Islamic State and Al-Qaeda, notably the hypotheses that the Islamic State derives from Al-Qaeda.

The topic to be developed in the following pages is based in reliable sources so that we can obtain the most accurate possible conclusions.

In preparation of this report, several quotes were used in order to present correct settings and make logical deductions based on documents.

It aims to be a modest contribution to a reflection on the theme, which is addressed in a very general way.

Concepts of terrorism and Islamic fundamentalism are addressed in the thesis.

Al-Qaeda, the Islamic State and the response to terrorism are presented, with the aim of understanding the degree of complexity underlying the Islamic State.

Keywords: Terrorism, Al-Qaeda, Islamic State, Islamic Fundamentalism, Jihad, Abdullah Yusuf Azzam, Osama bin Laden, Ayman al-Zawahiri, Abu Bakr al-Baghdad

ÍNDICE

1. Introdução	3
1.1. Objecto de Estudo	3
1.2. Problema	3
1.3. Respostas	3
1.4. Objectivo	3
2. Metodologia	4
3. Conceitos Operacionais	5
3.1. Terrorismo	5
3.2. Fundamentalismo Islâmico	7
4. Capítulo I – Enquadramento	8
4.1. História do Terrorismo	8
4.2. Islão – Uma Breve História	10
4.3. Fundamentalismo Islâmico	15
4.4. Portugal – O Al-Gharb Al-Andalus	17
5. Capítulo II - Al-Qaeda	25
5.1. Origem	27
5.2. Ideologia	32
5.3. Objectivos	35
5.4. Liderança	36
5.5. Estrutura	41
5.6. Estratégia	45
5.7. Financiamento	47
5.8. Redes Sociais	48
5.9. Apoiantes	49
5.10. Atentados	52

5.10.1. Charlie Hebdo	55
6. Capítulo III – Estado Islâmico	57
6.1. Origem	59
6.2. Território	63
6.3. Liderança	65
6.4. Estrutura	68
6.5. Objectivos	71
6.6. Financiamento	74
6.7. Apoiantes	75
6.8. Redes Sociais	78
6.9. Execuções	83
7. Capítulo IV – Lobos Solitários	88
8. Capítulo V – Como se relacionam o Estado Islâmico e a Al-Qaeda?	91
9. Capítulo VI – Resposta ao Terrorismo	94
10. Conclusões Finais	101
11. Bibliografia	104

1. Introdução

Num mundo global onde o ritmo de mudança é rápido, o terrorismo associado a uma organização denominada de Estado Islâmico tem vindo a constituir uma preocupação de segurança para o Ocidente e para o mundo em geral.

O percurso até à definição do objecto de estudo assentou sobretudo em algumas leituras e interesses pessoais sobre o tema que se pretendia tratar.

A pertinência de tomar o Estado Islâmico como objecto de estudo manifesta-se por ser um tema actual e sem fim à vista.

1.1. Objecto de Estudo

A relação entre o Estado Islâmico e a Al-Qaeda

1.2. Problema

A investigação procurará responder à seguinte pergunta:

Será o Estado Islâmico uma evolução da Al-Qaeda?

Esta questão foi identificada no momento em que uma organização terrorista autodenominada por Estado Islâmico teve uma rápida ascensão.

1.3. Respostas

Tendo em conta a pergunta efectuada é possível apresentar as hipóteses de resposta:

Hipótese 1 - Sim

Hipótese 2 – Não

1.4. Objectivo

O objectivo não é mais do que provar que o Estado Islâmico será uma organização que evoluiu da Al-Qaeda.

2. Metodologia

A metodologia utilizada para a elaboração desta tese teve por base o modelo apresentado por J. Eduardo Carvalho no seu livro *Metodologia do Trabalho Científico*. Dessa forma, procedeu-se à análise de variadas fontes de informação, na sua maioria escritas, como artigos de opinião, livros, notícias e capítulos em obras colectivas.

Na elaboração de um trabalho científico, é possível utilizar-se mais do que um método de investigação. Neste caso, foi o que se fez, tendo sido utilizadas diferentes metodologias. Na abordagem, foi utilizado o método indutivo, pois “no raciocínio indutivo a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta. As constatações particulares levam à elaboração de generalizações. Ela necessita de informações sobre os factos. A indução tem como programa construir o discurso da ciência a partir dos factos observados.” (Carvalho, 2009). Este método considera que quando se faz uma previsão para o futuro, com base nos dados que temos no presente, estamos a utilizar o método indutivo. Isto acontece, no momento em que, neste trabalho e através de um raciocínio lógico e com base na observação dos factos, se afirma que o Estado Islâmico se tornou mais perigoso do que a Al-Qaeda.

Relativamente aos outros métodos de procedimento, foram utilizados, o método histórico, o método jurídico e o método comparativo. Foi utilizado o método histórico quando se faz referência a datas, à evolução, ao desenvolvimento e às modificações do fenómeno. O método jurídico é aplicado neste trabalho quando se aborda a legislação e os instrumentos jurídicos, fazendo referência às datas e acompanhando a sua evolução em termos cronológicos. O método comparativo é utilizado na abordagem comparativa entre o Estado Islâmico e a Al-Qaeda.

3. Conceitos Operacionais

3.1. Terrorismo

O terrorismo é um fenómeno complexo. Existem vários tipos de terrorismo, nomeadamente terrorismo de estado, de guerra, psicológico, político, etc..

Várias agências internacionais, instituições e estudiosos tentaram ao longo dos anos definir o que é o terrorismo. Embora nem sempre apresentando definições concordantes, existem, no entanto, alguns pontos em comum. Apresento seguidamente algumas dessas definições para o terrorismo.

A Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas 1566 de 2004, define terrorismo como “*criminal acts, including against civilians, committed with the intent to cause death or serious bodily injury, or taking of hostages, with the purpose to provoke a state of terror in the general public or in a group of persons or particular persons, intimidate a population or compel a government or an international organization to do or to abstain from doing any act*” (United Nations Security Council, 2004).

No Reino Unido, ao abrigo do Terrorism Act 2000, terrorismo é definido como um acto “*designed seriously to interfere with or seriously to disrupt an electronic system*” (Parliament of the United Kingdom, 2000).

Para o FBI, Federal Bureau of Investigation, a definição de terrorismo é “*The unlawful use of force or violence against persons or property to intimidate or coerce a Government, the civilian population, or any segment thereof, in furtherance of political or social objectives.*” (Federal Bureau of Investigation, 2006).

A definição apresentada por António de Sousa Lara, de que “Todo o terrorismo é um acto político” (Lara, 2011), em conjunto com a perspectiva de Paul Rogers, na medida em que “... *terrorism works through fear, but it is also the case that acts of terror may have distinct political aims rather than being, for example, acts of revenge. Moreover, the specific inducement of fear in a larger audience may be intended to ensure that a particular political response ensues,*

when it might not be stimulated by an act that does not elicit a wider response.” (Rogers, 2013) leva à conclusão de que terrorismo pode ser entendido como um ato político que, maioritariamente através de acções violentas, procura instigar o medo no maior número de pessoas possível.

No entender de Jorge Bacelar Gouveia, “Do ponto de vista conceptual, o terrorismo insere-se numa relação do tipo triangular, em que alguém inflige mal a outrem para exercer pressão sobre um terceiro” (Gouveia, 2013).

As acções terroristas destacam-se, pelo seu cariz dramático, por serem súbitas, inesperadas e serem uma táctica antiga. Usam a violência, a força, causam terror¹, medo, são uma ameaça, um modo de comunicação, são imprevisíveis e têm efeitos e reacções nas pessoas. O combate que uns qualificam de terrorismo para outros é guerra de libertação. Pode ser uma forma de conflito assimétrica, onde a violência é permanente, não tem uma origem clara e pode surgir em qualquer lugar. Destes destacam-se a violência das acções, a sua imprevisibilidade e carácter aleatório na escolha dos alvos, factores estes que contribuem, decisivamente, para um clima de temor generalizado, nas zonas mais afectadas pelo fenómeno. As causas que motivam os actos terroristas podem ser multifacetadas, como a expulsão de estrangeiros, mudanças políticas, Acções de retaliação e vingança, construção de uma imagem de poder, preservação do território, motivos religiosos, entre outras.

No contexto deste trabalho, terrorismo compreende uma ideologia, ou seja, uma causa que motiva toda a actividade, bem como uma táctica ou método para atingir um fim.

¹ Para a definição de Terror é utilizada a abordagem de Adriano Moreira, que o define como “um procedimento que não exige excessivos meios materiais e humanos, está ao alcance de grupos restritos e tem um campo de acção quase ilimitado.” (Moreira, 1979)

3.2. Fundamentalismo Islâmico

Por Fundamentalismo Islâmico, após a análise da abordagem de António de Sousa Lara, entende-se:

“1^a – *Totalitarismo*: o islamismo deve regular todos os aspectos da vida social pública e privada;

2^a – *Literalismo da Sharia*: Os preceitos do Corão devem ser aplicados «à letra», designadamente os que se refiram a comportamentos evidentes (interdição de consumo do álcool, da carne de porco, dos jogos de azar, da pornografia, confusão de sexos). O literalismo consagra uma vulgata;

3^a – *Coerção e repressão sistemáticas*: Concretizadas na política do medo com base em ameaças físicas, purgas e penas excessivas, por exemplo.

Considerando-se a perspectiva apresentada por Teresa Almeida e Silva: “No fundo, o fundamentalismo islâmico apresenta-se como um modelo político e não apenas como uma simples visão integrista da religião. Os fundamentalistas procuram transformar a lei islâmica num programa sistemático de ideais políticos e convertê-la numa verdadeira Constituição ideológica do século XX.” (Silva, 2011).

Considera-se neste trabalho que Fundamentalismo Islâmico representa a intenção demonstrada por praticantes da religião Islâmica de implementar integral e literalmente a lei religiosa, *sharia*, como lei da vida civil.

4. Capítulo I – Enquadramento

4.1. História do Terrorismo

O fenómeno do terrorismo não é recente, já que existem referências ao terrorismo desde os primórdios da história. “O assassinato do Imperador Romano Júlio César em Março do ano 44 a.C. foi considerado um acto de terrorismo,” (Nascimento, 2002) considerando que um atentado contra um chefe de Estado é uma acção terrorista.

Na antiguidade, em Esparta, era utilizada polícia secreta para assassinios selectivos de servos suspeitos. No primeiro século depois de Cristo, os Sicários, começaram a usar técnicas de terrorismo para se libertarem do domínio romano, na região da Palestina.

Nos séculos XI a XIII, a seita muçulmana cujos membros ficaram conhecidos por Assassinos, (do árabe Hasshihiyya), foi criada com o objectivo de fomentar o islamismo.

No século XII, os Thugs, maioritariamente muçulmanos, mas incluindo hindus e que adoravam divindades hindus, como Khali ou Bhowani, deusas da morte, eram uma seita de assassinos que apareceram na Índia, “e que as autoridades britânicas do século XIX, na Índia, eliminaram” (Towsend, 2006).

Na Revolução Francesa de 1789, é utilizada a palavra terrorismo, como instrumento político para denominar o período da ditadura Jacobina. Este termo designava, curiosamente, não a forma de luta de uma minoria contra um Estado, mas um regime de terror, também chamado genericamente de terrorismo de estado, de um Estado Revolucionário. Naquela época, a expressão era tida como positiva (Nascimento, 2002), pois simbolizava o esforço para consolidar o poder do novo Governo Revolucionário, associado com ideais de virtude e democracia. “No século XIX, voltou a ganhar conotações revolucionárias” (Nascimento, 2002), com as sociedades secretas, como instrumento para acordar as classes médias adormecidas.

No século XX, surgem movimentos como o Nacionalismo, o Anarquismo e o Marxismo. Nas décadas de 60 e 70 do século XX, o terrorismo assume uma motivação ideológica e torna-se a voz de certas minorias, com o objectivo de dar relevo às suas causas e obter, também, o apoio internacional em relação às mesmas. Na década de 80, o terror ainda era o objectivo de alguns revolucionários radicais (Towsend, 2006). O terrorismo foi ganhando novas formas, não estando só confinado às fronteiras dos estados, mas ao mundo em geral. Embora relacionado com a Europa, passou também a expandir-se para outros locais do globo. “O início do terrorismo internacional aconteceu pelas mãos da organização islâmica Frente Popular para a Libertação da Palestina” (Silva, 2011) com o sequestro de aviões de companhias americanas e israelitas e na utilização dos passageiros para as suas reivindicações.

Com o fim da Guerra Fria e a extinção do mundo bipolar, quando deixou de existir o controlo dos Estados Unidos da América e da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas sobre países terceiros, apareceram conflitos regionais, o que levou à criação de alguns grupos conotados com o terrorismo. O movimento terrorista cresceu, apareceu a Al-Qaeda, e mais tarde o Estado Islâmico, que têm vindo a utilizar o terrorismo como contrapoder, utilizando como bandeira a recuperação da honra dos muçulmanos através da restauração do califado².

² Estado político-religioso liderado por um Califa

4.2. Islão – Uma breve história

O Islão nasceu no século VII d.C., na Arábia entre as cidades de Meca e Medina. Mas a palavra Islão pode ter dois significados:

- num, designa uma religião monoteísta a que se dá o nome de Islamismo; a palavra Islão, aqui, significa submissão total a Deus;
- noutro designa a civilização que cresceu dessa religião, com catorze séculos de história e aproximadamente a 1,6 biliões de pessoas.

A origem do Islamismo surge com as revelações de Allah ao profeta Maomé. Mas, para os árabes pagãos, o Islamismo não tem início com Maomé, mas com Deus. Os árabes pagãos já conheciam um Deus superior, a quem denominavam de Allah, mas não o veneravam. Tal como os cristãos lhe chamam Deus, os muçulmanos chamam-lhe Allah, ou seja, Allah é a palavra árabe que significa Deus, o Criador.

Por volta do “ano 570 d.C., nasce no seio da tribo Qoraish”(Silva, 2011) Maomé, aquele que viria a ser o profeta desta nova religião. Desde a sua juventude até à idade adulta teve uma vida normal. No ano 610 d.C., com a idade de 40 anos, ‘apareceu-lhe’ o Anjo Gabriel que lhe comunicou que Deus o havia escolhido.

Maomé terá ouvido a mensagem do Anjo Gabriel durante 23 anos. Primeiro, de 610 d.C., a 622 d.C., em Meca (Pohly & Durán, 2011), onde pregou com determinação e enfrentou perseguições devido ao facto de a sua mensagem ir contra as práticas religiosas instituídas. Um dia, uma delegação da cidade de Medina, encontrou-se com Maomé para o convencer a mediar um conflito entre duas tribos. Resolvido o conflito entre as duas tribos, Maomé decide abandonar Meca e muda-se para Medina, decorria o ano de 622 d.C.. Esta migração ficou conhecida como Hégira (Hijra) e “marca o início do calendário muçulmano” (Silva, 2011). Nesta cidade, Maomé foi o líder da primeira comunidade de muçulmanos (os que se submetem). Durante anos, as cidades de Meca e de Medina estiveram em guerra, que só acabou em 630 d.C., quando Maomé conseguiu conquistar Meca. Na cidade dirigiu-se para a famosa Kaaba e dedicou-a a Allah,

fazendo com que se tornasse o centro do Islamismo, após o que regressou a Medina.

Quando, em 632 d.C., Maomé morreu, já tinha unificado toda a Arábia sob o signo do Islão e tornado os muçulmanos uma comunidade religiosa e política. Na tradição do islamismo existem cinco profetas que são alvo de particular atenção, Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Maomé. Assim com Maomé o ciclo dos mensageiros chegou ao fim, foi o Selo dos Profetas, o último. Mais nenhum profeta foi considerado verdadeiro.

A comunidade muçulmana dividiu-se quanto à escolha do sucessor de Maomé. Para uma grande parte da comunidade, a liderança deveria ser entregue a Abu Bakr, sogro do profeta, “o único que o acompanhou durante a Hégira e o líder da oração pública durante a sua doença”. Para uma minoria, a liderança deveria caber a Ali ibn Abu Talib, “primo e genro de Maomé. Defendiam a manutenção de liderança da comunidade de crentes nas mãos de Ahul-Bait, ou seja, a “Gente da Casa do Profeta”. (Silva T. , 2011). Mas Maomé não disse quem era o seu sucessor como líder, tendo Abu Bakr assumido esse papel.

Esta posição de Abu Bakr, deu origem a uma disputa entre os seguidores de Maomé, criando-se, desta maneira, uma divisão entre os Sunitas e os Xiitas. Os Sunitas de (Sunnah³) reconhecem a sucessão de Maomé por Abu Bakr e pelos três califas que lhe sucederam. Os Xiitas são partidários de Ali ibn Abu Talib, o genro do profeta, que para eles deveria ter sucedido a Maomé, preterido três vezes e assassinado quando finalmente o nomearam Califa⁴. “Com o passar das gerações, esta divisão conduziu a diferenças doutrinais e, por vezes a conflitos ou guerra sectária abertos.” (Stern & Berger, 2015).

Os muçulmanos utilizam as mesmas fontes, os textos sagrados que são o Corão, a Sunnah e a Hadith. O Corão é a obra que contém as revelações de Allah a Maomé, é um código de vida, uma forma de estar na vida. É composto por um único volume que “tem 114 capítulos (suras), 92 revelados em Meca e 22 em

³ Tradição

⁴ Do árabe khalifa, designa representante ou delegado

Medina; 6226 versículos (ayatas) e 99464 palavras.” (Silva, 2011). Os primeiros 92 capítulos do Corão, revelados por Maomé na altura em que era o líder de um grupo minoritário e que lutava contra as práticas religiosas instituídas, têm o significado de luta espiritual e moral. Os últimos 22 capítulos revelados por Maomé quando já era chefe de Estado e comandava exércitos, têm uma conotação de luta e combate.

A Sunnah é o conjunto de regras e condutas a serem seguidas pelos muçulmanos, o exemplo de Maomé, o que o profeta disse, fez, viu e não proibiu. A Hadith é composta pelas histórias sobre Maomé, as suas práticas, acções, palavras e dos seus companheiros, contidas também na Sunnah. Muitas das tradições islâmicas sobre o fim dos tempos e muitas profecias provêm da Hadith. Mas não podem ser tiradas do contexto em que foram pronunciadas, pois é precisamente a contextualização da Hadith que nos ajuda a compreendê-la.

Existe um conjunto de práticas que são sustentadas pelos Cinco Pilares do Islão e “que funcionam como as pedras angulares do Islamismo” (Silva, 2011). Essas práticas são a Profissão de Fé (Shedadah); a Oração (Salat); a Esmola (Zakat); o Jejum (Swan) durante o mês do Ramadão e a Peregrinação (Hajj) a Meca uma vez na vida.

Os crentes radicais acreditam que existe ainda um sexto pilar que é a Jihad. A Jihad, significa empenho ou esforço feito no sentido de encontrar o caminho de Allah.

“Na tradição muçulmana, o mundo está dividido em duas casas: a Casa do Islão (Dâr al-Islâm), onde os governantes muçulmanos governam e a lei muçulmana impera, e a Casa da Guerra (Dâr al-Harb), que é o resto do mundo ainda habitado e, mais importante ainda, governado pelos infiéis.” (Lewis, 2003).

Quando se aborda a Jihad, podemos falar da Jihad Defensiva/Ofensiva e da Jihad Maior/Menor. A Jihad Defensiva verifica-se quando a Casa do Islão é atacada pelos infiéis e vê ameaçada a sua existência. A Jihad é Ofensiva quando a Casa do Islão ataca o território dos infiéis com o objetivo de expandir a fé e

converter mais crentes. Quanto à Jihad Maior, também conhecida por Jihad Pessoal, é a luta que é exigida a todos os muçulmanos para que se libertem de instintos básicos que são nocivos à sua vida (avareza, inveja, ciúme, vingança e luxúria). A Jihad Menor, também conhecida por Jihad Violenta, representa a luta contra os infiéis.

A Jihad, “trata-se por conseguinte, duma anti-cruzada, que se alastrou a todo o mundo muçulmano através das versões radicais do wahabismo” (Lara, Colonização Moderna, Descolonização e Dependência, 2014).

A Jihad já tinha sido usada por Osama Bin Laden⁵ para legitimar os seus actos e volta agora a ser utilizado pelo Estado Islâmico⁶. “Em última análise, desejam que a maioria dos habitantes da planeta, composta por não crentes e infiéis, capitule ou seja morta.” (Enzensberger, 2008).

Mas o Islão é uma religião tolerante, na qual os textos bíblicos devem ser lidos como textos à luz da época em que foram escritos, e não sujeitos a interpretações. O Islão é muitas vezes utilizado não como o ‘verdadeiro Islão’, mas sim numa versão adaptada ao interesse de cada um, o que é o que acontece em relação ao Estado Islâmico. Mas o Estado Islâmico não é um estado, nem representa o Islão, logo não se pode designar legitimamente de Estado Islâmico. Do ponto de vista teológico, não é um Estado Islâmico, mas sim uma seita de terroristas islâmicos que integram a corrente sunita. O Estado Islâmico é uma versão extrema do Islão.

Para os militantes do Estado Islâmico, Allah motiva-os e protege-os contra aqueles que não crêem em Deus. Para eles, o Estado Islâmico existe para içar a bandeira de Allah, para ajudar e apoiar os oprimidos e combater os inimigos de Allah e do profeta Maomé, que não terão lugar nas regiões ocupadas pelo Estado Islâmico. No Estado Islâmico não haverá lugar ou nação para os inimigos. Deve ser criminalizado o mau ensino e a má interpretação do Corão.

⁵ Ver ponto 5.4. - Liderança

⁶ Ver ponto 6.1. - Origem

A ligação do Estado Islâmico ao islamismo vem da sua interpretação do Islão como sendo puro e da classificação de todos os não sunitas como impuros.

A principal base do Estado Islâmico reside numa interpretação retrógrada e distorcida do Corão, não ancorada nas palavras constantes do Corão como os seus membros querem fazer crer.

4.3. Fundamentalismo Islâmico

A civilização Islâmica, durante o século XI e XII, foi das mais brilhantes a que o mundo assistiu. Era avançada na ciência, na educação, no plano militar e no plano económico. Mas veio a perder o seu domínio com a emergência do Ocidente e do Oriente.

O fundamentalismo islâmico conheceu vários desenvolvimentos filosóficos e políticos durante a história do Islão. Os movimentos fundamentalistas desenvolveram-se durante o século XX em reacção a vários acontecimentos. Depois da 1ª Grande Guerra, da dissolução do Império Otomano e do califado de Mustafá Kemal Atatürk, fundador da Turquia, alguns muçulmanos sentiram que a sua identidade religiosa estava ameaçada pela influência das ideias ocidentais. Assim, o fundamentalismo constitui uma nova fórmula contra a ocidentalização, o atraso, a corrupção e a injustiça e ganhou vida com o fim da “Guerra Fria”. Para alguns muçulmanos os males das suas sociedades ficavam a dever-se às ideias “estrangeiras”. Era importante “estabelecer no planeta uma ordem islâmica, transformando-o assim em “chão islâmico, ou dominado pelo Islão” (Santos, 2004).

Nos últimos anos, despontaram acções extremistas no interior do Islão e atrás destas acções ligadas ao fundamentalismo Islâmico, perfilam-se países como a Arábia Saudita, o Paquistão e o Irão.

O fundamentalismo não é violência, ele expressa-se em várias religiões e não só no Islão. O fundamentalismo Islâmico não reflete o que é o Islão, não é a religião, mas a interpretação perversa e errada do Islão. Mas se o fundamentalismo é levar à letra a religião, então em altura de paz é paz, mas em altura de guerra é guerra, tornando desta maneira legítimo o terrorismo. Maomé disse “Eu sou o profeta da misericórdia”, mas também disse “eu sou o profeta do massacre”. Desta maneira, os textos corânicos são por vezes contraditórios.

A religião não desempenha o papel radical que privilegia a morte, sendo no seu fundamento uma religião de paz (salam). No entanto para pôr em prática o

fundamentalismo, “a maioria das organizações jihadistas violentas, como a al-Qaeda e o EI, são salafitas.” (Stern & Berger, 2015). Desta maneira, tanto a Al-Qaeda como o Estado Islâmico utilizam a interpretação radical da Jihad para pôr em prática o terrorismo.

4.4. Portugal - o Gharb al-Andaluz

O Estado Islâmico já revelou um mapa com as partes do mundo que quer conquistar, no qual aparece Portugal, o antigo Garb-al-Andaluz⁷, onde em tempos a presença muçulmana foi duradoura e profunda. Da passagem muçulmana por Portugal ficaram alguns vocábulos, instrumentos musicais como o adufe e a guitarra, as técnicas agrícolas de cultivo e regadio, e influências na pastorícia, na gastronomia, na arquitectura e no urbanismo.

Esta presença começou em 711, quando um exército formado por muçulmanos atravessou o estreito de Gibraltar e iniciou a conquista da Península Ibérica, o Al-Andaluz. Em 1249, o rei português D. Afonso III, conquistou Faro e concluiu a reconquista de Portugal, onde “os Mouros estiveram cerca de seis séculos (até meados do século XIII)” (Saraiva, 2007).

Mas a presença do Islão, que desenhou os palácios e as mesquitas do Al-Andaluz, só veio a terminar em 1492, com a tomada do reino muçulmano de Granada pelos Reis Católicos.

Assim o Evangelho levou a melhor sobre o Corão. Em Portugal, a igreja mesmo antes da fundação, era uma entidade bem organizada, com direito e hierarquia próprias. O primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, teve em atenção esta questão, não deixando de proteger e ter a seu lado a igreja, pois “A Igreja representava Deus no mundo e Deus estava acima de todos os Reis” (Saraiva, 2007). Desta maneira, ao longo dos anos a igreja católica veio a tornar-se “esmagadoramente dominante,” (Lara, 2014) condicionando “a cultura portuguesa desde sempre, designadamente na brandura dos seus costumes” (Lara, 2014).

Mas Portugal, continuou a ter uma importante comunidade Islâmica, que atualmente alberga cerca de 40 mil elementos.

⁷ Corresponde sensivelmente, em termos administrativos e políticos, à área da antiga Lusitânia, abrangendo parte substancial do Portugal atual e uma pequena área da Estremadura espanhola (Ramos, Sousa, & Monteiro, 2012).

O terrorismo em Portugal é ténue, mas em certos períodos da nossa história houve situações em veio à superfície, em resultado de certas convulsões sociais e políticas.

No século XVIII, princípio do século XIX, aparecem as primeiras acções denominadas terroristas que afectaram a sociedade portuguesa. Em 1844, com o “nascimento da Carbonária Portuguesa, que assumiu um papel de relevo na instauração da 1ª República e que protagonizou vários atentados bombistas contra os opositores ao novo regime, até ser desactivada em 1920” (Nascimento, 2002). É atribuído a membros da Carbonária, em 1908, o assassinato do rei D. Carlos e do príncipe herdeiro Luís Filipe e, em 1918, o assassinato de Sidónio Pais.

Mais tarde, em pleno regime fascista do Estado Novo, o Partido Comunista Português “posicionou-se na vanguarda dos movimentos oposicionistas” (Nascimento, 2002), tendo criado em 1970 a Acção Revolucionária Armada, “que cometeu alguns atentados à bomba contra alvos militares e industriais” (Nascimento, 2002).

A seguir ao 25 de Abril de 1974, Portugal entrou num clima de conflitos e divergências que vieram a originar várias ondas de violência. Os partidos de direita e de extrema-direita utilizaram a violência para combater o comunismo e impedir a sua chegada ao poder em Portugal. Foi uma época em que a extrema-esquerda e a extrema-direita recorreram à violência. Tal foi o caso das Brigadas Revolucionárias, braço armado do Partido Revolucionário do Proletariado, afecto à extrema-esquerda, que fez assaltos a bancos e vários atentados à bomba contra instalações policiais.

Em Novembro de 1979, o embaixador de Israel em Portugal, Ephraim Eldar, foi alvo de um atentado do qual saiu quase ileso, com apenas alguns ferimentos ligeiros. Neste atentado, reivindicado por extremistas palestinianos, veio a morrer um polícia e ficaram feridas várias pessoas.

Em 1980, surgiu a organização terrorista Forças Populares 25 de Abril, que foi liderada por Otelo Saraiva de Carvalho. A organização nasceu com intenção de

criar um estado revolucionário de ideologia marxista. Esta organização levou a cabo vários assaltos e atentados à bomba de 1980 a 1989. Em 1983, houve dois atentados com mortes, nomeadamente um à Embaixada Turca em Lisboa que resultou em 7 mortos. A facção do Exército Revolucionário Arménio, exigia que a Turquia reconhecesse a responsabilidade no genocídio do povo Arménio em 1915, que terá provocado o desaparecimento de meio milhão de Arménios.

Noutro atentado, a 10 de Abril de 1983, em Montechoro, no Algarve, Issam Sartawi, membro da ala moderada da Fatah e observador da OLP no Congresso da Internacional Socialista, foi morto. O atentado é reivindicado pela organização palestiniiana, Abu Nidal.

O primeiro português ligado ao terrorismo islâmico deu-se a conhecer em 1998, numa reportagem na revista Visão. Paulo José Almeida Santos, passou por campos de treino e posteriormente foi condenado a dez anos de prisão por em nome de Allah, ter tentado matar o rei do Afeganistão.

Em 2004, a Polícia Judiciária e os Serviços de Informações e Segurança evitaram um atentado no Porto, em vésperas da abertura do Europeu de Futebol, contra o 1º Ministro, na altura Durão Barroso, e algumas personalidades de destaque, que iriam estar num jantar no Palácio do Freixo. Este atentado seria perpetrado, segundo informações da Unidade Antiterrorista da Holanda, por vários operacionais da Jihad Islâmica, ligados à Al-Qaeda. O objectivo dos terroristas era ensanguentar o maior evento internacional daquela altura.

“Al Zawahiri, num comunicado emitido em 2006 por vídeo através da internet, referiu-se expressamente ao Al-Andalus como território com passado muçulmano e que por isso fazia parte dos objectivos últimos da jihad, a par da Caxemira e do Iraque” (Torres, 2009).

Nos últimos tempos houve notícias de vários casos de possíveis ligações ao terrorismo, desde um homem suspeito de ligações ao Estado Islâmico, que foi detido no Aeroporto de Lisboa, até várias pessoas que foram abordadas pessoalmente ou via internet por angariadores.

Em relação aos portugueses que terão ligações ao Estado Islâmico, existirão cerca de 15 a 20 cidadãos com passaporte português a lutar na Síria.

Alguns destes cidadãos com passaporte português, tanto em Portugal, como no estrangeiro, são Fábio Poças (Abu Rahmam al-Andalus); Celso Rodrigues Costa (Abu Issa al-Andaluzi); Nero Saraiva; Ângela (Umm Abdurahman), mulher de Fábio, que partiu da Holanda; Joana, que saiu do Luxemburgo, mas entretanto já voltou, devido ao facto de o marido, Abu Huthifa, com ascendência Kosovar, ter falecido e o corpo ter sido trasladado para o Luxemburgo; Melanie, que partiu de França, mas já regressou; Michael Santos; Mikael Batista; Edgar Costa (Abu Zakaria Andalus), irmão de Celso e Abou dos Santos Uthman, suspeito de cumplicidade na decapitação de Peter Kassing.

Já morreram alguns jihadistas portugueses em nome do Estado Islâmico, como Sandro Monteiro que nasceu em Monte Abraão, Portugal; José Parente que nasceu em Toulouse, França, Luís Carlos Almeida (Abu Naila al-Portugali) e Osama al-Faransi, responsável por um atentado mortal no Iraque contra uma fábrica de farinha.

Alguns destes elementos sofreram um processo de radicalização, em que poderão ter ido para campos de treino, com doutrina e capital táctico e operacional que os preparam para a acção armada.

Alguns portugueses voluntários e mercenários já partiram para combater o Estado islâmico e existem também cerca 30 militares do exército português que dão auxílio à coligação internacional.

A política nacional considera o combate ao terrorismo um assunto muito importante. No nosso enquadramento nacional temos várias entidades que fazem parte desse combate. Assim, temos o Ministério Público, com o Departamento de Investigação Criminal e Acção Penal; a Polícia Judiciária com a Unidade Nacional Contra Terrorismo e a Unidade de Informação Financeira; o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras; a Autoridade Marítima Nacional; a Guarda Nacional Republicana; o Instituto Nacional Aviação Civil; Polícia de Segurança Pública;

Unidade de Coordenação Antiterrorismo; Serviço de Informações de Segurança e Serviço de Informações Estratégicas de Defesa.

Ao nível da legislação e instrumentos jurídicos foi aprovada a Resolução do Conselho de Ministros nº 7-A/2015. Esta Resolução do Conselho de Ministros visa a obrigação de fazer convergir os recursos disponíveis para objectivos comuns, tendo em vista a optimização de meios de luta contra o terrorismo, quer em execução de compromissos que vinculam internacionalmente o Estado Português, quer em observância da política de luta contra o terrorismo da União Europeia. Visa também o cumprimento da legislação nacional, em especial a Lei de Combate ao Terrorismo, a Lei de Combate ao Branqueamento de Capitais e do Financiamento do Terrorismo, a Lei de Segurança Interna e a Lei de Defesa Nacional.

A Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo ganha desta maneira especial relevância, enquanto instrumento de luta contra o terrorismo, representando um compromisso de mobilização, coordenação e cooperação de todas as estruturas nacionais com responsabilidade directa e indirecta no combate à ameaça terrorista.

A Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo tem o compromisso que assenta em cinco objectivos que são o de detectar, de prevenir, de proteger, de perseguir e de responder.

Detectar, consiste na identificação precoce das potenciais ameaças terroristas, mediante a aquisição do conhecimento essencial para um combate eficaz, tanto na perspectiva do seu desmantelamento isolado, quanto da detecção de outros focos de acção terrorista;

Prevenir, consiste em conhecer e identificar as causas que determinam o surgimento de processos de radicalização, de recrutamento e de actos terroristas;

Proteger, representa o fortalecimento da segurança dos alvos prioritários, reduzindo quer a sua vulnerabilidade, quer o impacto de potenciais ameaças terroristas;

Perseguir, é a acção de dismantelar ou neutralizar as iniciativas terroristas, projectadas ou em execução, e as suas redes de apoio, impedir as deslocações e as comunicações e o acesso ao financiamento e aos materiais utilizáveis em atentados, submetendo os fenómenos terroristas à acção da justiça;

Responder, consiste na gestão operacional de todos os meios a utilizar na reacção a ocorrências terroristas. A capacidade de resposta permite limitar as consequências de um ato terrorista, quer ao nível humano, quer ao nível das infra-estruturas.

A Unidade de Coordenação Antiterrorista passará a ter a competência de coordenar os planos e as acções previstas na presente Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo.

Em relação aos objetivos da Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo, a cooperação entre as Forças Armadas e as Forças e Serviços de Segurança será aprofundada, no quadro constitucional e legal.

No que diz respeito à cooperação internacional e europeia assumem uma importância fundamental as acções conjuntas que canalizem esforços no combate ao terrorismo.

Em relação a esta lei, a Ministra da Administração Interna do XIX Governo Constitucional, Anabela Rodrigues, admitiu que os meios disponíveis para combater o terrorismo são escassos, mas sublinhou que esta luta é feita sobretudo no âmbito da cooperação europeia e internacional, prevendo a promoção da cooperação entre as entidades.

De forma a ajustar a legislação nacional existente, o Conselho de Ministros, aprovou em 19 de Fevereiro de 2015, oito alterações legislativas com o objectivo de combater o terrorismo, que enunciarei de seguida:

1. Alterações ao Código do Processo Penal, com uma definição de terrorismo, criando o crime de terrorismo internacional e financiamento do terrorismo e alargando o âmbito do crime de terrorismo;

2. A alteração da Lei da Nacionalidade, que fixa os novos fundamentos para a concessão de nacionalidade por naturalização e para oposição à aquisição da nacionalidade portuguesa;
3. A alteração da lei que estabelece o regime jurídico das acções encobertas para fins de prevenção e investigação criminal, permitindo que sejam incluídos nas acções encobertas todos os ilícitos criminais relacionados com o terrorismo;
4. A alteração da lei que estabelece medidas de combate à criminalidade organizada e económico-financeira, de modo a abranger todos os ilícitos criminais relacionados com o terrorismo;
5. A alteração da lei que criminaliza a apologia pública e as deslocações para a prática do crime de terrorismo;
6. Alteração ao regime jurídico que aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional, modificando os fundamentos para a concessão e cancelamento de vistos e para a aplicação da pena acessória de expulsão;
7. Alteração da lei de Organização da Investigação Criminal, de modo a abranger todos os ilícitos criminais relacionados com o terrorismo;
8. Alteração da Lei de Segurança Interna, modificando a composição do Conselho Superior de Segurança Interna e a organização e o funcionamento da Unidade de Coordenação Antiterrorista.

Em Portugal as infra-estruturas críticas poderão ser alvo de ameaça do terrorismo. De acordo com o Decreto-Lei nº 62/2001, de 9 de Maio, no seu artigo 2º, alínea a), entende-se por “ «infra-estrutura crítica» a componente, sistema ou parte deste situado em território nacional que é essencial para a manutenção de funções vitais para a sociedade, a saúde, a segurança e o bem-estar económico ou social, e cuja perturbação ou destruição teria um impacto significativo, dada a impossibilidade de continuar a assegurar essas funções”. Como exemplo de infra-estruturas críticas temos as infra-estruturas e instalações de produção e de transporte de electricidade; de produção, refinação, tratamento, armazenagem e

transporte de petróleo por oleodutos; armazenagem e transporte de gás por gasodutos e terminais para gás natural em estado líquido e ainda os transportes rodoviários, ferroviários, aéreos, por via navegáveis interiores e marítimos, incluindo de curta distância e portos.

O impacto de um atentado numa destas infra-estruturas poderá ser um sério problema para o território nacional. O Relatório Anual de Segurança Interna de 2014 (Sistema de Segurança Interna, 2015), referia que se tem vindo a analisar o “incremento da ameaça representada pelo terrorismo jihadista, de matriz islamita, conotado com a Al-Qaeda, com o Estado Islâmico e grupos afiliados, pelo que mantém a permanente motorização do fenómeno e a identificação dos respectivos agentes e *modus operandi*, numa perspectiva de avaliação da sua projecção sobre os interesses portugueses no mundo, sobre o território nacional e sobre o movimento de cidadãos para palcos de jihad.”.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros do XIX Governo Constitucional, Rui Machete afirmou que existem informações de que dois ou três portugueses querem abandonar o Estado Islâmico e voltar a Portugal, mas não foram dados mais detalhes.

Apesar da colaboração e da monitorização levada a cabo pelos Estados, o regresso ao país destes extremistas constitui um perigo.

5. Capítulo II - Al-Qaeda

Para se entender a Al-Qaeda é importante compreender o contexto na qual ela surge, que é o da invasão soviética no Afeganistão em 1979. A intervenção no Afeganistão visava consolidar as conquistas da revolução socialista de 1978. Desde esse ano que a oposição ao regime socialista recorria à violência para combater o governo afegão. A resistência legitimava-se a si própria politicamente através do Islão - os actos de violência eram vistos como o início da Jihad, contra um governo apoiado por uma potência infiel, devido a não seguir os mesmos princípios religiosos, e que tinha enviado as suas tropas para o Afeganistão.

Em muitos anos de história, a religião sempre manteve uma importância central na sociedade afegã. Num país com várias identidades étnicas e culturais, e onde o Estado é uma realidade distante para a maioria da população, a religião muçulmana constitui o factor de união. Até aos anos 80, a ajuda externa era dos Estados Unidos da América, através de apoios económicos e militares aos mujahideen afegãos. Os EUA apoiavam todas as forças que combatiam “a União Soviética, é «o império do mal» e as democracias ocidentais devem ajudar os movimentos de resistência ao comunismo, nomeadamente no Terceiro Mundo, onde desde os anos 70, se multiplicaram os estados clientes da União Soviética” (Defarges, 2012).

Vivia-se num contexto de “Guerra Fria” e de estratégia de contenção à expansão soviética em que fazia todo o sentido apoiar os grupos que combatiam o Exército Vermelho no Afeganistão, apoio este crucial para a retirada da ex. União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1988. “É sabido que, de uma maneira geral, todos os países que pertenceram ao Segundo Mundo e que tinham como ideologia oficial o marxismo-leninismo desenvolveram santuários, campos de treino, e apoiaram financeira e logisticamente o terrorismo internacional antiocidental e anticapitalista.” (Lara, 2014).

Depois da sua criação, a Al-Qaeda ficou mundialmente famosa pelos seus ataques terroristas espectaculares contra o mundo ocidental e tornou-se a

organização terrorista mais temida, mediática e globalizada do mundo (Tomé, 2012). Este terrorismo, que apareceu associado à luta islâmica contra o Ocidente em grande parte de inspiração palestina, veio reforçar que a revolução iraniana confirmava dois dos pontos centrais dos fundadores do islamismo radical. O poder tinha de ser conquistado através da revolução e os Estados Unidos da América, na sua condição de líder do mundo ocidental, eram o inimigo principal do Islão.

5.1. Origem

Na véspera do Natal de 1979 a URSS, a exemplo do que fizera na Hungria e na Checoslováquia, tinha invadido o Afeganistão, com o objectivo de reprimir um levantamento com raízes na oposição islâmica contra o regime comunista que tomara o poder naquele ano (Carmo & Monteiro, 2001). Milhares de refugiados de guerra afegãos transformaram a cidade de Peshawar, no Paquistão, num ponto de encontro da Jihad contra a invasão soviética.

Foi nesta altura que Ayman al-Zawahiri, hoje número um, da Al-Qaeda, médico egípcio, um dos fundadores do grupo Al-Jihad do Egipto e grande admirador desde jovem de Sayyid Qutb⁸, foi a Peshawar intervir como médico dos refugiados de guerra e dos mujahideen. Esta ida foi fundamental para Ayman al-Zawahiri se envolver na procura de novos soldados jihadistas nas universidades do mundo árabe, especialmente no Egipto.

Em 1979, Osama bin Laden, deslocou-se aos campos de refugiados no Paquistão, iniciando a ajuda financeira à resistência afegã. Em 1982, entrou finalmente no Afeganistão, sob influência de Abdullah Yusuf Azzam, um palestino que recrutava homens para a resistência afegã através de discursos carismáticos em prol do martírio. “Abdullah Yusuf Azzam foi o seu mestre - foi ele que lhe passou a nova ideologia do jihadismo e o legitimou islamicamente” (Pohly & Durán, 2011).

Durante este período, Osama bin Laden, que ainda não tinha rompido com a monarquia saudita, mas cuja visão do mundo tinha sido profundamente influenciada pelo radicalismo islâmico dos membros da Irmandade Muçulmana egípcia, influenciados pelo pensamento de Sayyid Qutb, veio a juntar-se aos mujahideen.

Com o aumento da chegada dos combatentes muçulmanos dos países árabes, a partir de 1984, Osama bin Laden montou campos de treino militar na fronteira do Paquistão com o Afeganistão.

⁸ Poeta, crítico literário, activista político e militante radical muçulmano ligado à Irmandade Muçulmana

A partir de 1984, o radicalismo religioso chegou ao Afeganistão com a vinda dos combatentes islâmicos de todo o mundo muçulmano, especialmente dos países árabes, para ajudarem a causa afegã. Foi assim que a jihad contra o invasor soviético se transformou na grande causa do movimento radical islâmico, contribuindo para a sua mobilização política. Estas brigadas islâmicas internacionais, ou jihadistas, receberam a ajuda dos serviços de informação do Paquistão e das organizações islâmicas paquistanesas, nomeadamente o Jamaat-e-Islami de Mawdudi e das Madraças.

Foi neste período que apareceu a Maktab al Khidmat lil Mujahidin al Arab (MAK), fundada por Abdullah Yusuf Azzam e Osama Bin Laden e que foi a antecessora da Al-Qaeda. Funcionava como uma Direção dos Serviços Afegãos e tinha o apoio logístico da CIA. “A MAK recrutou soldados do mundo inteiro e importou equipamentos para a resistência afegã, apoiando os Mujjaedin contra o invasor soviético” (Carmo & Monteiro, 2001). A MAK foi essencial na recolha de fundos e fornecia os serviços relacionados com as viagens e o alojamento de quem vinha lutar contra os soviéticos. Osama bin Laden terá mesmo recebido treino militar de guerrilha durante anos no Afeganistão (Carmo & Monteiro, 2001).

Em 1986, Ayman al-Zawahiri reencontrou-se com Osama Bin Laden, que teria conhecido em 1985 em Jeddah, Arábia Saudita. A aproximação de Ayman al-Zawahiri a Osama bin Laden gerou o que hoje é a Al-Qaeda. Osama bin Laden e Ayman al-Zawahiri representam os dois padrões de árabes que se transformaram, durante a década de 80, nos “soldados do Islão”. De um lado Osama bin Laden, filho de uma família milionária da Arábia Saudita, desiludido com o seu país, do outro lado intelectuais e membros das profissões liberais dos países do Médio Oriente e do Magrebe, muitos deles com passado político, normalmente associado à Irmandade Muçulmana, como o caso de Ayman al-Zawahiri.

Ayman al-Zawahiri, tinha pouco interesse no Afeganistão, excepto como uma área de preparação para a revolução no seu próprio país. Queria aproveitar a Jihad afegã como uma oportunidade de reconstruir sua organização destruída, e encontrou em Osama bin Laden um patrocinador abastado, carismático e flexível.

Osama bin Laden era um salafista devoto, que tinha como interesse principal, a expulsão do invasor infiel de um país muçulmano e punir os Estados Unidos da América e o Ocidente pelo que acreditava serem crimes contra o Islão.

Os anos de Ayman al-Zawahiri no Paquistão, unido com as ideias de Osama bin Laden e Abdullah Yusuf Azzam, fortaleceram as bases para uma organização terrorista de âmbito global. Após perceberem a decadência moral de muitos dos jovens árabes que iam lutar no Afeganistão, passaram a recrutar homens que já tivessem experiência de combate, como médicos, engenheiros e soldados. Foram estes homens que futuramente se tornariam os líderes da Al-Qaeda.

Antes da fundação da Al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri e Abdullah Yusuf Azzam tiveram divergências. Estas divergências e o poder financeiro que de Osama bin Laden tinha, fizeram dele o líder natural, apoiado por Ayman al-Zawahiri.

No Afeganistão, em 1988, as tropas soviéticas começavam a retirar-se esgotadas e humilhadas, e os combatentes islâmicos proclamavam vitória. Simultaneamente, o enfraquecimento da União Soviética abria caminho para o aumento do Islamismo.

Em Agosto de 1988, em Peeshawar, Paquistão, é criada a Al-Qaeda (a base militar), que é uma facção islâmica organizada, com o intuito de enaltecer a palavra de Deus, tornando a sua religião vitoriosa. O seu objectivo era acabar com a influência do Ocidente nos países muçulmanos e substituir os seus governos por regimes fundamentalistas, tendo desenvolvido uma rede de comunicações para actividade directa e para perpetuar os princípios da organização.

Depois da sua criação a “Al-Qaeda funcionou como uma organização que espalhou a liderança inspiradora de Osama Bin Laden por todo o mundo, quando os seus membros abandonaram o Afeganistão” (Towsend, 2006).

Em 1990 o Iraque invade o Kuwait: “o Iraque tinha desde sempre reclamado que o Koweit era uma criação artificial dos colonizadores, que não deveria ser um estado independente” (Nye, Jr., 2002). É nesse momento que a Arábia Saudita convida os Estados Unidos da América para defenderem o país contra o Iraque -

os dissidentes sauditas vêem neste convite uma agressão por ter sido convidado um país não islâmico.

Em 1991, Osama bin Laden mudou-se para o Paquistão e, em 1992, passou para o Sudão. Durante a estadia de Osama bin Laden no Sudão, aquele país serviu como base de armamento e de combatentes destinados não só à Bósnia, como também aos terroristas no Egito, Etiópia, Uganda e até à própria Líbia de Kadafi (Clarke, 2004). O Sudão era uma nação que seguia o Islamismo, onde vários campos de treino foram montados.

Até 1996, Osama bin Laden, com o financiamento da sua imensa fortuna pessoal, formou uma enorme rede terrorista internacional, com células e elementos em cerca de 45 países.

A pressão que os Estados Unidos da América e Arábia Saudita exerceram sobre o Sudão, levou Osama bin Laden e cerca de 150 elementos da Al-Qaeda a abandonar o Sudão, em direcção ao Afeganistão, parecia ser o melhor para Osama bin Laden. O governo fantoche que os soviéticos tinham deixado em Cabul tinha caído e, depois de dez anos de combates fraccionários, os serviços secretos militares paquistaneses (ISID) tinham armado e treinado o movimento religioso Talibã para controlar grande parte do Afeganistão (Clarke, 2004). “In 1996, a new Islamic force, the Taliban, consisting of religious graduates from traditional Islamic seminary schools or madrasas, took control of the country, declaring it to be an Islamic state.” (Mansbach & Taylor, 2012).

O Afeganistão passou a ser governado por fundamentalistas islâmicos talibans, cujo chefe era Mullah Muhammad Omar, também conhecido como “Amir ul-Mominin, ou comandante dos Fiéis” (Rashid, 2001), chefe de Estado do país de 1996 a 2001, com o título oficial de chefe do Conselho Supremo. “Os talibans provinham do grupo étnico maioritário de pashtuns, que representavam quarenta por cento da população” (Hassin, 2007).

Osama bin Laden pagou enormes quantias a Mullah Omar para montar os campos de treino, “para aí formar e treinar jihadistas recrutados em todo o mundo” (Santos, 2004).

Em 1996, a Al-Qaeda declarou guerra aos Estados Unidos e aos seus aliados em forma de fatwa⁹, a chamada declaração de guerra contra os americanos ocupando a Terra dos Dois Lugares, assinada por Osama bin Laden. Em 1998, Osama bin Laden, juntamente com Ayman al-Zawahiri; Ahmed Refai Taha; Mir Hamzah e Fazal Rahman emitiram uma segunda fatwa, que anunciava a criação de uma nova frente mundial para a Jihad.

A Jihad original, foi criada por Maomé, o último profeta de Deus na terra, segundo os islâmicos (Carmo & Monteiro, 2001). A Declaração da Frente do Mundo Islâmico para a Jihad contra os judeus e os cruzados era “uma longa exortação, em parte religiosa, recheada de acusações aos EUA e a Israel” (Carmo & Monteiro, 2001). Nos últimos tempos, Osama bin Laden era apenas o símbolo e o grande inspirador da organização, já não conduzindo as operações.

A seguir ao 11 de Setembro de 2001, “a administração americana pediu ao governo afegão dos talibans a extradição de Osama bin Laden. Face à sua recusa, as forças americanas começaram a bombardear as posições dos talibans no Afeganistão.” (Mendes, 2008). A Al-Qaeda perdeu deste modo o controlo do Afeganistão onde se encontrava instalada e operava em diversas bases com o consentimento aberto dos talibãs, e, não existindo o controlo do território onde se actua, a possibilidade de sobrevivência é menor.

Assim, Osama bin Laden, mudou-se para o Paquistão, onde existe uma dualidade de critério em relação aos talibans. Osama bin Laden não se instalaria numa comunidade, com uma importante presença militar, se não tivesse garantido que conseguiria controlar a zona. Esta situação não se revelou segura porque os Estados Unidos da América, de forma persistente e eficaz ao longo de meses, foram capazes de recolher a informação necessária para actuar com boas hipóteses de sucesso.

Mas a “visão de uma luta entre EUA e al-Qaeda é de um atroz simplismo e produziu uma amálgama entre terrorismo, islamismo e médio Oriente com efeitos bastantes perniciosos.” (Mendes, 2008).

⁹ Édito religioso

5.2. Ideologia

A Al-Qaeda assenta em grande parte a sua ideologia na utilização do poder das palavras e das ideias, mas para se entender a Al-Qaeda tem de se entender os movimentos fundamentalistas islâmicos.

No enquadramento histórico, o Salafismo é um movimento reformista islâmico que surgiu no Egipto, no final do século XIX, dentro do que se pode referir como o período do renascimento cultural árabe. O termo Salafismo (salafiyyah), alude aos companheiros (salaf) de Maomé, é utilizado para definir um movimento que pretende devolver ao Islão a pureza das suas origens, baseando-se na leitura do Corão e da tradição, e indo contra todas as inovações derivadas da influência ocidental e também de toda a cultura que os muçulmanos vieram a elaborar posterior ao movimento. Assim, os muçulmanos devem purificar a sua religião das tradições e inovações. Durante as décadas de 20 e 30, ocorre uma mutação do Salafismo, o qual se desenvolveu em várias direcções.

O Salafismo contemporâneo é um movimento conservador seguido por muitos grupos islamitas sunitas e que é hostil às inovações condenáveis pelo Islão, como as interpretações literais das escrituras. Tenta recriar um Islão em oposição às imitações e à ocidentalização, com uma acção focada na transformação do comportamento do indivíduo, código de conduta e na rigorosa observação das prescrições da fé. É uma anti cruzada, que se espalha por toda a ummah¹⁰, nas décadas de 60 e 70, através das posições radicais da corrente wahhabita.

Uma das posições que se desenvolveu foi o Salafismo Jihadista, que é uma corrente de pensamento que é radical. Tem interpretado a Jihad como a “guerra santa pela religião, utilizando a via violenta, em que cada um deve dar todo o seu esforço até ao sacrifício da vida, para combater os inimigos do Islão.” (Lara, 2014). O Salafismo Jihadista é o resultado da fusão do conservadorismo salafita com as tendências jihadistas de pequena percentagem da população salafita.

O jihadismo é um fenómeno recente no seio do Salafismo. “A facção jihadista fundiu-se em grande parte devido à guerra nos anos 1980 contra os

¹⁰ Comunidade muçulmana mundial

soviéticos, no Afeganistão” (Stern & Berger, 2015). O Islão estava sob ataque, logo a Jihad deveria ser conduzida como uma guerra, sem restrições. A prioridade era o combate contra os regimes locais corruptos. Nesta altura, a Jihad era vista como uma obrigação individual e permanente, sendo o recurso à violência um meio legítimo para tentar tomar o poder e islamizar a sociedade do mundo muçulmano e derrubar os regimes locais dependentes do Ocidente.

Após 2001, desenvolve-se uma geração de jihadistas como movimento descentralizado. Assiste-se assim à criação de células jihadistas formadas através da auto radicalização, do auto recrutamento e do treino auto didata, com base em documentos e recursos obtidos via internet. Este carácter universalista do Salafismo Jihadista, faz com que organizações com a Al-Qaeda e o Estado Islâmico possam ter uma abrangência global, criando uma rede social específica baseada nos valores de um ramo do Islão.

Assim, pode dizer-se que o Salafismo Jihadista ajuda a Al-Qaeda e o Estado Islâmico em dois sentidos, seja gerando a legitimação ideológica necessária, como também criando um senso de comunidade amplo, transcendente, que ultrapassa a questão do estado-nação.

Giles Kepel, catedrático francês e um especialista sobre o Islão, no seu livro *Terreur et Martyre*, de 2008, reconhece três gerações de jihadistas. A primeira geração, aparece com Abdullah Yusuf Azzam, considerado o pai da Jihad defensiva, e criador da Maktab al Khidmat lil Mujahidin al Arab (MAK) que foi a antecessora da Al-Qaeda, durante a invasão soviética, nos fins dos anos 80, no Afeganistão. A segunda com a Al-Qaeda de Osama Bin Laden e Ayman al-Zawahiri, nos anos 90 e 2000. A terceira com Abu Musab al-Suri, escritor e estratega para o movimento jihadista mundial, considerado o chefe das operações da Al-Qaeda na Europa e Abu Musab al-Zarqawi da Al-Qaeda no Iraque, fundamentalista islâmico e guerrilheiro, fundador do grupo Al Tawhid wa al-Jihad, que viria a criar o Estado Islâmico do Iraque e do Levante, antecessor do Estado Islâmico.

Um movimento importante para perceber a Al-Qaeda e o Estado Islâmico é o Wahhabismo. O Wahhabismo, um gênero de Salafismo conservador, foi um movimento para a reforma social, renovação religiosa e para melhorar a sociedade corrupta e materialista. O seu objetivo principal é restaurar o monoteísmo do Corão e da Sunnah. O seu fundador foi Muhammad ibn Abd al-Wahhab, que nasceu em Al-Uyainah, região do Najd na Arábia Central, em 1703 (Silva, 2011). Para Muhammad ibn Abd al-Wahhab, a mensagem de Allah, transmitida pelo profeta tinha sido subvertida devido ao afastamento das fontes originais do Islão e considerou a sua visão, sendo ele sunita, como a mais pura do Islão.

O Reino da Arábia Saudita, resultou da aliança que Muhammad ibn Abd al-Wahhab viria a fazer com Muhammad ibn Saud. “O principal objetivo do pacto entre Muhammad ibn Abd al-Wahhab e Muhammad ibn Saud era a criação de um Estado Islâmico independente do Império Otomano e organizado em consonância com os ensinamentos do pensador puritano” (Silva, 2011). Esta aliança veio dar sentido prático e expandir o pensamento de Muhammad ibn Abd al-Wahhab e possibilitou a Muhammad ibn Saud adquirir poder político e conquistar os territórios que atualmente são a Arábia Saudita. “A Arábia Saudita, durante muitos anos constitui o principal alimentador ideológico e financeiro do fundamentalismo” (Santos, 2004). Assim, o Wahhabismo tornou-se a cultura religiosa, educativa e judicial da Arábia Saudita. Não nos podemos esquecer que Osama bin Laden era saudita.

5.3. Objectivos

Os objectivos da Al-Qaeda são, inequivocamente, de ordem política e de estratégia. Inicialmente alguns dos seus ataques tinham como objectivos a libertação de alguns dos seus companheiros. Mas, nos dias de hoje, os seus motivos prendem-se com a tentativa de mudança de alguns regimes existentes em países árabes e a libertação da interferência ocidental no Médio Oriente.

Os seus propósitos são os de difundir a Jihad em todo o mundo através de uma série de combates aos valores ocidentais por meio de violência organizada que causem o medo colectivo, a morte e a destruição dos seus bens, constituindo um dever individual dos muçulmanos em qualquer lugar e em qualquer período de tempo. Estes propósitos servem de inspiração à Al-Qaeda, que defende uma revolução islâmica armada para se sobrepor a todos os regimes que não sejam guiados pela lei islâmica, levando assim à expulsão de tropas e de empresas ocidentais de todos os países muçulmanos.

Os fundamentos originais da Al-Qaeda são fortemente contra os judeus e contra os cristãos, o que leva hoje em dia a mudar o seu carácter inicialmente militar e autoritativo para se transformar numa entidade difusa, com uma série de grupos, com células autonomas e com iniciativas descentralizadas, mas que tem uma ideologia comum.

5.4. Liderança

Os líderes tendem a ser carismáticos, mais velhos, com perfis “académicos, entre os quais professores, engenheiros, arquitectos e outros especialistas” (Enzensberger, 2008) e com perfis socioeconómicos elevados. Os motivos destes tendem a ser diferentes dos seus seguidores.

Abdullah Yusuf Azzam

Abdullah Yusuf Azzam, era um estudioso e teólogo que nasceu em 1941 na Palestina na aldeia de Silat al-Harihiya e foi assassinado em 1989, em Peshawar no Paquistão. Recrutou e organizou o voluntariado internacional de combatentes islâmicos contra invasão soviética no Afeganistão. “Azzam que pertenceu aos fundadores do movimento islâmico dos palestinianos do Hamas, quis fazer do Afeganistão o ponto de partida da Jihad para outros países” (Pohly & Durán, 2011). Foi considerado o pai da Jihad defensiva e o precursor da Al-Qaeda com Osama bin Laden.

Osama bin Laden

O nome que se associa logo à Al-Qaeda é o de Osama bin Mohammed bin Awad bin Laden ou “Abu Abdallah Abd Al-Hakim” (Carmo & Monteiro, 2001). Mais conhecido por Osama bin Laden, nasceu a 10 de Março de 1957 em Riade na Arábia Saudita, e foi morto na “madrugada de 1-2 de Maio de 2011”, (Tomé, 2012) em Abbottabad, no Paquistão. Oriundo de uma família natural de Hadhramawt, região do Iémen. Foi um dos filhos de “Muhammad Awad bin Laden, um magnata saudita do sector de construção e próximo da família real.” (Carmo & Monteiro, 2001). Osama bin Laden era considerado um “homem de aspecto calmo, culto, educado e modesto (Carmo & Monteiro, 2001). Do pai herdou o gosto pela vida austera, o amor ao deserto, o respeito ao Profeta e à religião sunita. (Carmo & Monteiro, 2001). Estudou administração e economia na Universidade do Rei Abdul Aziz em Jeddah. (Carmo & Monteiro, 2001). Ficou milionário, depois da morte do pai, e mais rico ficou devido a diferentes empresas

de construção (Carmo & Monteiro, 2001) e ainda com meticolosas e engenhosas gestões de dinheiro em vários centros financeiros ocidentais.

Quando se dá a ocupação soviética no Afeganistão, abandona a família para se juntar ao movimento armado contra os soviéticos (Carmo & Monteiro, 2001). Começou a usar o dinheiro para financiar os mujahedins, que foram treinados pelos Estados Unidos da América e pelo Reino Unido e que lutaram contra os invasores comunistas soviéticos, entre 1979 e 1989, no Afeganistão. Foi mais patrono que combatente. Não tem qualquer posto oficial, não é chefe militar, não é ideólogo, ou chefe religioso e, contudo, a sua influência é enorme e real (Carmo & Monteiro, 2001).

Em 1988, Osama bin Laden, Ayman al-Zawahiri e outros companheiros das grutas afegãs fundaram, na cidade paquistanesa de Peshawar, a rede terrorista Al-Qaeda. Em 1989, bin Laden volta a casa onde é recebido como um herói. (Carmo & Monteiro, 2001). Quando o Iraque invadiu o Kuwait, em 1990, Osama bin Laden ofereceu à família real Saudita, os seus “árabes da Jihad afegã”, para impedir que tropas estrangeiras entrassem, mas a família Real recusou a sua oferta e aceitaram a ajuda dos americanos. Ficou assim consumado o divórcio entre ele a Casa de Saud, cuja legitimidade começou a contestar. Em 1993 fez os primeiros ataques contra os interesses dos Estados Unidos da América na Somália e em 1995 na Arábia Saudita. Em 1996, refugia-se no Afeganistão, buscando abrigo junto dos amigos talibãs. (Carmo & Monteiro, 2001) e do “mullah” Omar, mobilizando fundamentalistas em tudo o mundo, que depois encaminhou para o Afeganistão para treinarem em campos militares.

Além do mais, bin Laden vê nos americanos o odioso símbolo do materialismo moderno (Carmo & Monteiro, 2001). Em 1998 faz ataques na Tanzânia e no Quênia e no Iémen, em 2000.

Em 11 de Setembro de 2001, a Al-Qaeda cometeu o que foi o seu pior ataque, no atentado contra Nova Iorque e Washington, fazendo explodir quatro aviões comerciais. Deste atentado resultou a morte de 2996 indivíduos, 19 dos quais eram os terroristas, 246 passageiros dos aviões, 2606 cidadãos (incluindo

membros de equipas de salvamento) que se encontravam no World Trade Center e 125 no Pentágono (Alves, 2011).

A morte de Osama Bin Laden na madrugada de 1-2 de Maio de 2011, em Abbottabad, Paquistão, foi resultado da modificação da política antiterrorista dos Estados Unidos em 2009, que passou a dar mais ênfase à inteligência e à eliminação física dos líderes da Al-Qaeda com os drones. A morte de Osama Bin Laden por um grupo de elite da marinha, os SEALs, pôs fim à procura de quase 15 anos empreendida pelos Estados Unidos da América. Esta perseguição iniciou-se em 1996, quando o Presidente americano Bill Clinton deu autorização para sua captura, tendo ocorrido a primeira tentativa de matá-lo em 1998, após os ataques às embaixadas americanas na Tanzânia e Quênia.

O processo que levou à morte do líder terrorista foi longo e começou com uma pista obtida pelos serviços secretos junto de prisioneiros de Guantánamo que foram coincidindo em identificar pela mesma alcunha o mensageiro mais fiel de Osama bin Laden. Só ao fim de anos é que os Estados Unidos da América descobriram o nome verdadeiro do homem, Abu Ahmed, paquistanês, nascido no Kuwait. Mas o momento decisivo aconteceu em Agosto de 2010, quando Abu Ahmed e o irmão foram descobertos em Islamabad, depois de terem feito um telefonema que foi interceptado pela Agência de Segurança Nacional Americana. Passaram a ser vigiados 24 horas por dia. Mesmo não tendo provas que Abu Ahmed se encontrava com Osama bin Laden, os serviços secretos americanos estranharam como é que os irmãos teriam meios para viver numa enorme mansão em Abbottabad, no Paquistão. A partir daí todos os esforços tecnológicos e de informações secretas foram canalizados para a casa.

Quando o presidente Barack Obama teve a certeza de que aquele era o local onde se escondia o líder da Al-Qaeda, deu a ordem para o início da acção que culminou com a morte de Osama bin Laden. Este desfecho “alimentou um certo sentido de justiça e de triunfalismo na luta contra o terrorismo e a Al-Qaeda. Afagou igualmente o orgulho americano e a imagem do presidente Obama.” (Tomé, 2012).

Ayman al-Zawahiri

A Al-Qaeda confirmou Ayman al-Zawahiri, como o sucessor de Osama Bin Laden, morto no início de Maio de 2011, na sequência de uma operação norte-americana no Paquistão. Ayman al-Zawahiri nasceu em 19 de Junho de 1951, no Cairo, de uma família da classe media alta, de médicos e académicos. Na escola Ayman al-Zawahiri, começou por se envolver na política e em pouco tempo, o jovem militante viu-se atraído por grupos radicais islâmicos que pediam a queda do regime egípcio nos anos 70.

Juntou-se à Jihad Islâmica na sua fundação, em 1973, e em 1981, foi detido juntamente outros membros do grupo suspeitos de participar no assassinato do presidente egípcio Anwar Sadat, que enfureceu os islâmicos ao assinar o acordo de paz com Israel. No julgamento, Ayman al-Zawahiri despontou como o líder dos réus, foi absolvido do assassinato do presidente egípcio, mas condenado por posse ilegal de armas. Sentenciado a três anos de prisão, foi torturado e espancado pelas autoridades penitenciárias egípcias. Esta experiência ajudaria a empurrá-lo para o extremismo. Em 1985, Ayman al-Zawahiri foi libertado e trocou o Egipto pela Arábia Saudita. Mais tarde, dirigiu-se para Peshawar, no Paquistão, e depois para o Afeganistão, onde estabeleceu uma facção da Jihad Islâmica Egípcia. Trabalhou como médico no interior do país, sob ocupação soviética e foi nesta época que conheceu Bin Laden.

Em 1993, Ayman al-Zawahiri, assumiu a liderança da facção da Jihad islâmica, que esteve por detrás de uma série de ataques contra ministros do governo egípcio, entre os quais o primeiro-ministro. A campanha da Jihad Islâmica para derrubar o governo egípcio e estabelecer um estado islâmico no país resultou na morte de mais de 1.200 mil pessoas nos anos 90. Em 1997, o Departamento de Estado Americano apontou Ayman al-Zawahiri como o líder do grupo Vanguarda da Conquista, uma facção da Jihad Islâmica responsável pela morte de 62 pessoas, incluindo 58 turistas estrangeiros, na cidade de Luxor, naquele mesmo ano.

Nos anos 90, Ayman al-Zawahiri viajou pelo mundo à procura de abrigo e de fontes de financiamento. Em 1997, foi viver para a cidade afegã de Jalalabad,

que era onde estava a base de Osama bin Laden. Em 1998, a Jihad Islâmica e outros seis grupos radicais, entre os quais a Al-Qaeda, formaram a Frente Islâmica para a Jihad contra os Judeus e Cruzados. Ayman al-Zawari tornou-se número dois da organização e à semelhança do líder sempre denunciou a política norte-americana no Afeganistão e no Iraque.

O novo líder da Al-Qaeda promete seguir as pegadas de Osama bin Laden e continuar a guerra santa contra todos aqueles que querem submeter o Islão. A guerra santa será feita contra os Estados Unidos e Israel; “a ONU; os governos dos países muçulmanos parceiros do ocidente; as grandes multinacionais; as comunicações internacionais e os sistemas de transferências de dados; as agências noticiosas internacionais e de auxílio humanitário e os canais de transmissão por satélite” (Torres, 2009) e fazendo saber que apoia as revoluções no mundo árabe.

O médico egípcio Ayman al-Zawahiri sempre foi o cérebro da Al-Qaeda. Actualmente, os Estados Unidos da América oferecem um prémio de 25 milhões de dólares pela captura de Ayman al-Zawahiri.

5.5. Estrutura

A Al-Qaeda nasceu como uma estrutura organizada de modelo hierárquico, com controlo centralizado e coordenação da acção política, “Predominando uma criteriosa divisão de tarefas em sectores, tipo comités, que iam desde a vertente militar até à propaganda, passando pela logística, pela financeira e pela religiosa.” (Torres, 2009). Mas, devido à pressão que sofreu nos últimos anos, a Al-Qaeda já não necessita dessa estrutura de comando central, ela gere-se por si só.

“Ao longo dos anos 90 do século XX, a al-Qaeda transformou-se numa empresa” (Stern & Berger, 2015), passou a ser uma holding, actuando os seus elementos numa lógica de procuração ou de franchising. Assim a Al-Qaeda, deixou de ser uma organização e transformou-se num movimento com cinco facções distintas.

A primeira facção é a Al-Qaeda Central, foi fundada no final dos anos 80, por Osama bin Laden, actualmente sobre a liderança de Ayman al-Zawahiri. Tem como objectivo o derrube dos regimes do Médio Oriente para estabelecer um califado e lutar contra os Estados Unidos da América. É uma organização sunita salafista jihadista que ajudou a financiar, transportar, recrutar e treinar extremistas sunitas para a resistência afegã contra a União das Republicas Soviéticas Socialistas. Fez vários atentados e actualmente é impossível estimar o número dos seus apoiantes.

A segunda facção é composta pelos grupos terroristas com a Al-Qaeda no nome, com inspiração em Osama bin Laden, que beneficiam de treino, armas, e assistência financeira, entre outros tipos de apoio. Tem agendas regionais, como a Al-Qaeda da Península Arábica, que foi fundada em 2009, em resultado da junção da Al-Qaeda no Iémen e a Al-Qaeda na Arábia Saudita. “Era aquela que a al-Qaeda Central controlava de forma mais directa.” (Stern & Berger, 2015). Reivindicou a responsabilidade por numerosos actos terroristas no Iémen. É formada por membros veteranos do Iraque e do Afeganistão, com elementos da Arábia Saudita e Somália, tendo cerca de mil membros. O seu objectivo é atacar ocidentais e derrubar a família real Saudita por ser aliada dos Estados Unidos da América. As

bases estão localizadas em território do Iémen e o seu financiamento vem principalmente de roubos, doações e sequestros.

A Al-Qaeda no Magreb Islâmico, antigo grupo Salafista para a Pregação e Combate, foi criada em 1997 e desde 2002 que tem laços com Al-Qaeda Central, vinculando-se definitivamente em 2007. Opera na região do Saara e do Sahel no Norte de África, Líbia, Tunísia, norte do Mali e no Níger. Financia-se através de sequestros e actividades criminosas, tendo sido responsável por vários atentados que causaram muitas mortes, incluindo a de Christopher Stevens, o embaixador dos Estados Unidos da América na Líbia, em 11 de Setembro de 2012. Tem várias centenas de combatentes, mas o número de apoiantes diminuiu com a intervenção das tropas francesas. Muitos elementos mudaram-se para as regiões do norte do Mali ou sudoeste da Líbia.

A Al-Qaeda na Síria, também conhecida por Jabhat al-Nusra ou Frente al-Nusra, foi formada no final de 2011. Em 2013, separou-se do que restava da Al-Qaeda do Iraque e jurou fidelidade à Al-Qaeda Central, tornando-se o seu braço armado na Síria, que combate o regime do presidente sírio Bashar al-Assad. Tem sido muito activa, numa série de operações contra outras facções no conflito sírio. Tem um elevado número de combatentes e o grupo assumiu a responsabilidade por vários atentados nos últimos anos. A Frente al-Nusra recebe financiamento através de resgates e doações.

A Al-Qaeda na Somália, também conhecida por Al-Shabaab, a juventude, foi fundada em 2012. ”Depois de vários anos de rejeição por parte de Osama bin Laden, foi aceite por al-Zawahiri.” (Stern & Berger, 2015). É uma organização que nasceu de “uma facção de um grupo islamita somali, a União dos Tribunais Islâmicos” (Stern & Berger, 2015), que juraram derrubar o governo de Transição e a Missão Africana para a Somália (AMISOM) para impor a lei islâmica. Domina a zona centro e sul da Somália. O grupo é composto por milhares de recrutas somalis e combatentes estrangeiros. A sua actividade é a intimidação e a violência na Somália, que tem sido responsável pela morte de dezenas de pessoas.

A Al-Qaeda no Subcontinente Indiano foi fundada em 2014, é uma organização que visa lutar contra os governos do Paquistão e Índia para a construção de um Estado Islâmico. Tem a intenção de atacar alvos dos Estados Unidos da América no subcontinente indiano.

A terceira facção é constituída pelos grupos aliados e outras organizações filiadas na Al-Qaeda ou com ligações a ela, tanto na Europa, na África e na Ásia, que recebem armas, dinheiro e outros apoios para efectuarem as suas operações. Esta disposição permite que os grupos permaneçam independentes e contineam a perseguir os seus próprios objectivos. Trabalham com a Al-Qaeda Central em operações ou treinos específicos. Fazem parte destas organizações, o Grupo Abu Sayyaf das Filipinas; o Movimento Islâmico do Turquestão Oriental; o Movimento Islâmico do Uzbequistão; o grupo Taliban do Afeganistão e do Paquistão; o grupo Lashkar-e-Taiba do Paquistão; o Emirado do Cáucaso; o Jaish-e-Mohammed de Caxemira na Índia; o Jeemah Islamyah da Ásia, a Jihad Islâmica Egípcia e uma longa lista de outras organizações.

A quarta facção é a rede de aliados com pequenos grupos dispersos de apoiantes da Al-Qaeda Central. Esta rede de aliados auto organizados congrega, radicaliza e planeia ataques. Alguns destes elementos tiveram treino no Afeganistão e Paquistão e experiência prévia de terrorismo em países como a Argélia, Chechénia, Afeganistão, nos Balcãs, no Iraque.

E, por fim, a quinta facção que engloba os jihadistas individuais, os chamados lobos solitários que se concentraram “em alvos militares e governamentais” (Stern & Berger, 2015). Não têm nenhum contacto, nem apoio directo da Al-Qaeda, mas são inspirados pela sua causa. São redes amadoras, embora possam ser letais. Este modelo de liderança está praticamente livre de responsabilidades operacionais directas. São elementos indignados com a opressão que se vive em países do Médio Oriente, motivados pelo ódio ao Ocidente e aos regimes aliados do Ocidente.

E a Al-Qaeda passou desta maneira a ser um movimento, onde os “seus afiliados cresciam, atraindo novos recrutas para participarem num ambiente cada

vez mais militarizado, ambiente esse que a Al-Qaeda não era adequada para liderar” (Stern & Berger, 2015). Pode dizer-se que a Al-Qaeda se foi assim adaptando à pressão que foi sofrendo ao longo dos anos.

Em 2011, a Al-Qaeda tornou-se uma organização difusa em parte devido à morte de Osama bin Laden. Este desenvolvimento, deveu-se ao facto de Ayman al-Zawahiri, ser visto como um líder espiritual e não como um soldado - ele não tinha a capacidade unificadora que Osama bin Laden possuía, que era um líder inspirador para muitos radicais. Nesta altura, Ayman al-Zawahiri, ordenou aos elementos da Al-Qaeda que se dispersassem em pequenos grupos pelo Afeganistão e pelo Paquistão, longe das áreas tribais, cessando a maioria das actividades para sobrevivência da organização. A morte de alguns elementos e a comunicação prejudicada por razões de segurança atrasaram o planeamento das operações. Agora a Al-Qaeda era uma organização mais fraca, mas não derrotada. Foi nesta adaptação que residiu a sobrevivência desta organização, que é actualmente mais difusa, com grupos, células e até indivíduos com diferenças entre si, mas que se encontram unidos pela mesma ideologia.

5.6. Estratégia

A Al-Qaeda está a seguir a mesma estratégia de grupos como o Hamas e o Hezbollah, para desta maneira ter o apoio das populações nas suas acções e tentar atrair combatentes.

A Al-Qaeda planou estabelecer o Califado Islâmico ao longo de anos, juntando os muçulmanos, convencendo-os a abraçar o que vê como o verdadeiro Islão. Para o jihadismo radical salafista, o sonho do Califado Islâmico será conseguido através de sete fases (Musharbash, 2005), a chamada agenda da Al-Qaeda, e que se prevê estar finalizada em 2020.

A primeira fase, conhecida como o despertar, já foi percorrida, e durou de 2000 a 2003, mais precisamente com os ataques terroristas que se deram em Setembro de 2001, provocando a guerra dos Estados Unidos da América com o mundo Islâmico, e com a queda de Bagdade em 2003, que provocou o despertar dos muçulmanos. Para os ideólogos da Al-Qaeda, esta fase teve muito sucesso, pois a mensagem da Al-Qaeda passou a ser ouvida por todo o mundo.

A segunda fase, conhecida com a fase de “abrindo os olhos”, durou até 2006, período em que a Al-Qaeda evoluiu para um movimento, recrutando jovens com vista a criar um exército, servindo o Iraque como o centro das operações globais.

A terceira fase, conhecida como “progredindo e consolidando”, durou de 2007 a 2010. Durante este período aconteceram atentados em vários países que ajudaram o grupo terrorista a tornar-se uma organização conhecida.

Na quarta, entre 2010 e 2013, a Al-Qaeda pretendeu levar ao colapso os governos árabes, levando à perda de poder dos regimes e consequente aumento da força da Al-Qaeda, através de ataques contra os produtores de petróleo e tentando atingir a economia dos Estados Unidos da América, usando o ciberterrorismo.

A quinta e actual fase, que começou em 2013 e vai até 2016, constitui o período da estratégia delineada durante o qual será declarado o Estado Islâmico ou Califado, esperando a Al-Qaeda nesta altura ter capacidade para estabelecer uma

TERRORISMO: O ESTADO ISLÂMICO, UMA EVOLUÇÃO DA AL-QAEDA

5. Capítulo II – Al-Qaeda

nova ordem mundial, devido à redução de influência do Ocidente no mundo Islâmico e ao enfraquecimento de Israel.

A sexta fase ocorrerá a partir de 2016, altura em que haverá um período de confrontação total. Logo que o Califado seja declarado, o “exército Islâmico” instigará a luta entre crentes e os não crentes.

A sétima fase será a etapa final, descrita como a vitória definitiva, altura em que o mundo ocidental se encontrará tão enfraquecido pela acção de milhões de muçulmanos, que o Califado prevalecerá. Esta fase deverá estar completa em 2020, não devendo a guerra durar mais do que dois anos. Assim através destas sete fases, a Al-Qaeda vive o sonho da restauração do Califado Islâmico.

5.7. Financiamento

Ao longo dos anos a Al-Qaeda, foi conseguindo financiar-se através do império financeiro pessoal de Osama bin Laden, como “empresas de construção (entre as quais a el-Hijrah for Construction and Development Ltd.), uma indústria de criação de avestruzes no Quênia, cultivo de florestas na Turquia, investimento em agricultura no Tadjiquistão, criação de camelos no Sudão, diversas empresas e bancos (a Wadi al Aqiq, a Taba Investment Company Ltd, o el-Shamal Islamic Bank).” (Carmo & Monteiro, 2001). O ramo imobiliário foi outro dos sectores onde Osama bin Laden investiu para daí tirar dividendos para a sua causa. “Teria investido nesse sector em Londres, Paris e na Cote d’Azur” (Jacquard, 2001). Conseguia ainda a sua subsistência monetária através de “investimentos na Europa e nos Estados Unidos, por intermédio de bancos da Arábia Saudita, dos Emirados Árabes Unidos e de Singapura” (Carmo & Monteiro, 2001). Este tipo de investimento foi um método privilegiado usado por Osama bin Laden para conseguir “os mais de setecentos milhões de dólares depositados” (Jacquard, 2001). Mas, com o passar dos anos, Osama bin Laden passou a não ser o único financiador da Jihad, pois este financiamento “tornou-se independente, auto-suficiente.” (Jacquard, 2001).

A assistência humanitária através de Organizações Não Governamentais é outra tática da Al-Qaeda, para ganhar simpatizantes e assim atrair novos recrutas para acções terroristas. A campanha foi divulgada pela Al-Qaeda da Somália. Assim, vários camiões carregados de arroz, óleo, farinha, 4 mil latas de leite em pó, 4 toneladas de tâmaras, 1,5 mil cópias do Alcorão, 2 mil véus para as mulheres se cobrirem, roupas para 10 mil crianças e 17 mil US\$ em dinheiro foram encontrados no campo de Al-Yasser, no sul da Somália.

Actualmente a Al-Qaeda através da Jihad na Síria é financiada e apoiada por dinheiro vindo do exterior, o que a levou a reorganizar-se, a planear operações, a treinar, criando uma nova geração de jihadistas, e voltar em força.

5.8. Redes Sociais

Na era da informação, a Al-Qaeda aprendeu a utilizar as novas tecnologias em seu proveito, como a internet, que é utilizada para o recrutamento, doutrinação, financiamento e disseminação da informação, mas contida por razões de segurança. Utiliza os telemóveis e outros meios de comunicação para dar a conhecer ao mundo as suas ideias, potenciando assim os efeitos de morte e de medo. Os vídeos também são importantes - tanto são um modo de divulgação de treinos, como servem para chamar a atenção no caso das decapitações do americano Paul Marshall Johnson, do norte coreano Kim Sun-il e do americano Daniel Pearl.

A Al-Qaeda utiliza a internet através de Websites e fóruns de discussão para inspirar o apoio à sua causa. A Alneda.com e a Jejad são alguns desses Sites. A internet, levou ao aparecimento de um novo tipo de terrorismo, o terrorismo ciber-espacial. A Al-Qaeda, se puder utilizar esta arma capaz de paralisar os sistemas de energia, de distribuição e tratamento de águas, não hesitará em utilizar estes meios, assim como não hesitará em utilizar armas nucleares, biológicas, químicas e radiologias para efectuar atentados terroristas, provocando assim danos materiais e de vítimas humanas. A este nível a Al-Qaeda parece estar perfeitamente adaptada à era da globalização.

5.9. Apoiantes

No seu início, a Al-Qaeda “contava com pouco mais de trezentos homens e,..., raramente excederam as centenas. Além destas centenas de homens havia milhares de funcionários e aliados.” (Stern & Berger, 2015). Era um grupo elitista, como uma sociedade secreta, que por razões de segurança ficou na sombra. “A Al-Qaeda é constituída por sunitas, e a doutrina Wabbita, onde se inspira, é proveniente dos imãs sunitas da Arábia Saudita” (Santos, 2004).

A Al-Qaeda demonstra que os seus líderes são elementos que vem das classes médias-altas, educados, casados e de meia-idade, enquanto os membros logo abaixo da hierarquia vem de classes mais baixas e não têm ideia dos ditames básicos do Islão e da visão política do falecido Osama bin Laden. A Al-Qaeda avalia os voluntários em campos de treino - cerca de 20 000 terão sido treinados nos campos militares do Sudão e do Afeganistão - e escolhe os indivíduos com maior potencial e perícia, demonstrando que este recrutamento é feito de forma profissional e com qualidade. Actualmente, com a associação a diversos grupos extremistas e pela sua descentralização, é impossível determinar o número de apoiantes da Al-Qaeda.

Os líderes tendem a ser carismáticos, mais velhos e com perfis académicos e socioeconómicos elevados. Os motivos destes tendem a ser diferentes dos seus seguidores/operacionais. Alguns desses elementos são:

- Abu Yahya al-Libi, líbio. É um dos mais completos membros da Al-Qaeda, teólogo, poeta, comandante militar que fala árabe, urdu e pastun. A sua captura vale um milhão de dólares para os Estados Unidos da América. Produziu vários vídeos de propaganda. Num deles, em 2008, apela aos somalis para resistirem às forças da ONU no país (Raposo, 2011);

- Saif al-Adel, também conhecido por Muhamad Ibraim Makkawi, egípcio, ex-oficial do exército egípcio e que deixou o Egipto em 1980 para se juntar aos mujahideen no Afeganistão. Esteve preso nove anos no Irão e só no fim de 2010, é que voltou ao Paquistão para lutar ao lado da Al-Qaeda. É um dos mais importantes estrategas da Al-Qaeda, sendo uma pessoa importante no comando da

organização, onde é o responsável pelas operações de segurança. Como tal será o ministro da guerra da Al-Qaeda. Está ligado aos ataques às embaixadas dos Estados Unidos da América no Quênia e na Tanzânia (Raposo, 2011);

- Adnan G. el Shukrijumah é Saudita, foi professor nos Estados Unidos da América, e é um dos líderes das operações externas da Al-Qaeda. Está provavelmente no Paquistão e ficou conhecido pela tentativa falhada de ataque ao metro de Nova Iorque em 2010;

- Adam Gadah ou Azzam al-Amriki, é americano do Oregon e cresceu na Califórnia onde aos 17 anos se converteu ao Islão. Dois anos depois partiu para o Paquistão e juntou-se à Al-Qaeda. Devido a falar fluentemente inglês tem sido de muita importância a sua tarefa de porta-voz e propagandista (Raposo, 2011);

- Ilyas Kashmiri, é paquistanês, ex-comando do exército paquistanês, comandante operacional do grupo Jihadista ligado à Al-Qaeda e que actua no Paquistão, na Índia, no Afeganistão e no Bangladesh (Raposo, 2011);

- Abu Hafs al-Mauritani, veterano da guerra do Afeganistão contra a União Soviética. Ex chefe do conselho de lei islâmica da Al-Qaeda, estará no Irão ou na Mauritânia. Tentou construir uma escola religiosa em Kandahar, Afeganistão, chamado o Instituto de Estudos Islâmicos;

- Abu Musab Abdel Wadoud, foi o líder do Grupo Salafista para a Pregação e o Combate, antes de se tornar em 2004 o líder da Al-Qaeda no Magrebe Islâmico, após a morte do líder Nabil Sahraoui;

- Abu Suleiman al-Nasser, líder da Al-Qaeda no Iraque. Sucedeu a Abu Ayyub al-Masri, que foi morto numa operação conjunta das tropas dos Estados Unidos da América e das tropas Iraquianas em Tikrit, em Abril de 2010.

Outros elementos existem como Abd al Aziz al Masri; Abdullah Ahmed Abdullah; Abu Faraj al Yemeni; Abu Haris; Abu Ihklas al Masri; Abu Khalaf; Abu Kasha al Iraqi; Abu Turab al Urduni; Ali Sayyid Muhamed Mustafa al Bakri; Atiyah Abd al Rahman; Dr. Amin al Haq; Hamza Ali Saleh al Dhayani; Hamza bin Laden; Mafouz Ould Walid; Marwan al Suri; Matiur Rehman; Mohamed Abul Khair; Muhammad Rab`a al Sayid al Bahtiti; Mustafa Abu Yazid; Mustafa al

Jaziri; Mustafa Hammid da Al-Qaeda do Irão; Nasser al Wuhayshi; Qari Mohammad Zafar; Qari Saifullah Akhtar; Qari Zia Rahman; Rashid Rauf; Saad al Sharif; Sa`ad bin Laden; Said Ali al Shihri; Sheikh Issa al Masri; Sulaiman Abu Ghath; Thirwat Saleh Shihata. (The Long War Journal, 2015).

5.10. Atentados

A Al-Qaeda “tem levado a efeito atentados terroristas de grande dimensão verdadeiramente demolidores.” (Santos, 2004). A lista a seguir inclui os ataques mais mediáticos. (Information Please Database, 2015)

Ano	Mês	Local	Nº Mortos
1993	Fevereiro	EUA – World Trade Center	6
1993	Outubro	Somália	18
1996	Junho	Arábia Saudita – Quartel	19
1998	Agosto	Quênia e Tanzânia – Embaixadas EUA	224
2000	Outubro	Iémen – Navio guerra USS Cole	17
2001	Setembro	EUA – WTC e Pentágono	2992
2002	Abril	Tunísia - Sinagoga	21
2002	Maio	Paquistão – Hotel	14
2002	Junho	Paquistão – Consulado EUA	12
2002	Outubro	Costa do Iémen – Petroleiro Lindburg	1
2002	Outubro	Indonésia – Discoteca	202
2002	Novembro	Quênia – Hotel	16
2003	Maio	Arábia Saudita – Complexo residencial	34
2003	Maio	Marrocos	33
2003	Agosto	Indonésia – Hotel	12
2003	Novembro	Arábia Saudita - Complexo residencial	17
2003	Novembro	Turquia – Sinagogas	25
2003	Novembro	Inglaterra - Banco e Turquia – Consulado Britânico	26
2004	Março	Madrid – Ataque a comboios	191

TERRORISMO: O ESTADO ISLÂMICO, UMA EVOLUÇÃO DA AL-QAEDA
5. Capítulo II – Al-Qaeda

2004	Maio	Arábia Saudita - escritórios de companhias de petróleo	22
2004	Junho	Arábia Saudita	1
2004	Setembro	Indonésia – Embaixada	9
2004	Dezembro	Arábia Saudita - Consulado dos EUA	9
2005	Julho	Londres - Metro de Russel Square e autocarro	52
2005	Outubro	Indonésia	22
2005	Novembro	Jordânia – Hotéis	57
2006	Janeiro	Iraque – Academia de Policia de Bagdad	20
2007	Abril	Argélia – Prédio do governo	35
2007	Abril	Iraque – Edifício do Parlamento	8
2007	Dezembro	Argélia – Prédios do governo	60
2008	Janeiro	Iraque	30
2008	Fevereiro	Iraque	100
2008	Abril	Iraque – Vários atentados	105
2008	Maio	Iêmen	12
2008	Maio	Iraque	10
2008	Junho	Paquistão – Embaixada da Dinamarca	6
2008	Junho	Iraque – Vários atentados	35
2008	Agosto	Iraque	20
2008	Agosto	Líbia	15
2008	Agosto	Argélia – Vários atentados	55
2008	Setembro	Iémen	16
2008	Novembro	Iraque	28
2009	Abril	Iraque – Vários atentados	116

TERRORISMO: O ESTADO ISLÂMICO, UMA EVOLUÇÃO DA AL-QAEDA

5. Capítulo II – Al-Qaeda

2009	Dezembro	Afeganistão – Base	8
2011	Janeiro	Iémen	2
2011	Janeiro	Iraque	137
2011	Abril	Marrocos	15
2012	Maio	Iémen	100
2012	Setembro	Líbia – Embaixada dos EUA	4
2013	Janeiro	Argélia – Campo de gás	66
2013	Dezembro	Iémen	50
2015	Janeiro	França – Paris – Escritório do Charlie Hebdo	12
2015	Fevereiro	Dinamarca – Copenhaga	2

5.10.1. Charlie Hebdo

No dia 7 de Janeiro de 2015, dois homens armados e mascarados, os irmãos Said Kouachi de 32 anos e Cherif Kouachi de 34 anos, “com treino com a Al-Qaeda, nas suas bases do Iémene” (Rogeiro, 2015), invadiram a redacção da revista satírica de nome Charlie Hebdo e mataram 12 pessoas. As vítimas foram Stéphane Charbonnier de 47 anos, director do Charlie Hebdo; George Wolinski de 80 anos; Bernard Verlhac de 57 anos, ilustrador; Jean Cabut de 76 anos, fundador do Charlie; Philippe Honoré de 73 anos, ilustrador; Bernard Maris de 68 anos, economista e cronista; Elsa Cayat de 54 anos, psicanalista, que escrevia a coluna “Charlie Divan” sobre assuntos sociais; Mustapha Ourrad, revisor; Michel Renaud, fundador de um festival em Clermont-Ferrand e que fora convidado da reunião semanal; Frédéric Boisseau, recepcionista do prédio; Ahmed Merabet de 42 anos, polícia e Franck Brinsolaro de 49 anos, que fazia protecção pessoal a Stéphane Charbonnier. Depois de dois dias em fuga, foram encontrados barricados numa gráfica, onde foram mortos por tropas de elite francesas.

A Al-Qaeda da Península Arábica reivindicou o atentado, tendo sido Ayman al-Zawahri que ordenou o ataque por retaliação pelo facto de a revista ter feito caricaturas de Maomé. O ataque à redacção da revista satírica de nome Charlie Hebdo foi um ataque bem organizado, pensado e estudado como uma operação militar.

Os terroristas que actuaram são argelinos nascidos em França, por isso cidadãos franceses de acolhimento. Esta situação poderá ser o resultado de terem crescido em guetos, estarem familiarizados com a violência. Estes terroristas atacam desta maneira a sociedade livre que os acolhe. A sociedade deve dar condições aos jovens, a violência não pode ser combatida apenas com símbolos. Deve-se ter uma abertura da sociedade para ouvir os jovens que procuram perspectivas sociais e uma sensação de pertença social. Este atentado veio dar a mensagem que o terrorismo é uma guerra aberta, mas é necessária uma resposta política e cultural. Na minha opinião, não deve haver provocação para não haver reacções negativas. Muitas vezes, os autores destes atentados vivem

marginalizados, mas é necessária uma resposta de integração. Deve haver diálogo entre as civilizações e procurar a moderação entre as culturas. Evitar provocações ajuda a evitar tensões. Não devemos ter medo do terrorismo, mas o terrorismo islâmico já conseguiu algumas vitórias, uma delas é a de as nossas sociedades se terem tornado sociedades policiadas, mas a segurança não deve ser imposta.

6. Capítulo III – Estado Islâmico

Nos dias de hoje, o terrorismo associado ao fundamentalismo islâmico constitui uma preocupação de segurança para os países do Ocidente e para o mundo em geral. Depois de, durante muitos anos, ter sido dado maior destaque à Al-Qaeda como grupo terrorista a representar a maior ameaça, durante o ano de 2014 assistiu-se à rápida ascensão de uma organização terrorista autodenominada por Estado Islâmico ou Daesh, que nasce do acrónimo formado pelo nome da organização em árabe e é um termo pelo qual o Estado Islâmico detesta ser conhecido. Mas “uns afirmam, que lido de certa maneira, o nome sugere “esmagamento”, outros que se trata de uma referência à luta pré-islâmica de tribos árabes, outros ainda que pode significar, em linguagem teológica, “malfeitor”, ou “poeira”.” (Rogero, 2015).

O Estado Islâmico advém em grande parte da queda parcial da sociedade tradicional muçulmana e árabe, recheada com elementos imperialistas. Provocou o conflito sectário entre Xiitas e Sunitas que não existia antes, e que se tornou numa guerra que está a desfazer os países e a região, devido às suas táticas brutais e que já matou centenas de milhares de pessoas, com tortura, destruição e terrorismo, havendo milhões de deslocados.

O Estado Islâmico, que integra a corrente sunita, tem vindo a ganhar preponderância na cena internacional com uma abordagem cada vez mais mediatizada do terrorismo que permite alcançar cada vez mais seguidores. A grande maioria destes seguidores são habitantes das zonas diretamente controladas por esta organização, mas uma percentagem crescente é composta por jovens de todo o mundo, recrutados através das redes sociais. Quando as localidades são conquistadas é pendurada a bandeira negra no topo do prédio mais alto e partem em busca de adesão - distribuem folhetos a repudiar a cultura ocidental e pens drives com cânticos jihadistas e vídeos nos quais mostram as operações militares.

A bandeira do Estado Islâmico tem “a branco, a «Shahada», o testemunho: «Não há Deus senão Alá». Continua com o círculo, que simboliza o Selo do Profeta, e uma frase de três linhas: Muhamad/O Mensageiro/de Alá. Por baixo, já

teve «Estado Islâmico do Iraque e do Levante» e, agora, só «Estado Islâmico».” (Rogeyro, 2015). Pode dizer-se que é “Uma visão do século VII, espalhada com meios do século XXI”.

6.1. Origem

Apesar de apenas recentemente o Estado Islâmico ter ganho destaque na cena internacional, já desde há alguns anos que este grupo terrorista tem vindo a ganhar terreno no Médio Oriente. Como tinha acontecido no Afeganistão, o Iraque inicialmente serviu para muitos combatentes ganharem experiência, através de treino prático. O Estado Islâmico vem em grande medida do resultado da invasão americana no Iraque. Esta situação deveu-se a que “depois do 11 de Setembro, a administração americana adoptou a política de “regime change”, onde se inscrevia a guerra do Iraque e a doutrina do Grande Médio Oriente que previa a democratização do mundo árabe. A segurança americana dependeria da mudança de regimes.” (Mendes, 2008). A ascensão do Estado Islâmico nasceu de um vazio de poder originado pelo derrube de algumas ditaduras, durante o que ficou conhecido como a “Primavera Árabe”.

Muitos dos elementos do Estado Islâmico estiveram presos pelo governo americano. Já em 2004, o General Loureiro dos Santos referia que “a passagem da responsabilidade de toda a segurança para forças militares e policiais iraquianas demorará ainda muito tempo. Entregá-la a unidades incipientes, incapazes de responderem com êxito a uma subversão aguerrida e bem organizada, terá graves consequências” com “o facto de poder provocar uma deriva perigosa do futuro regime do Iraque para um estado islâmico fundamentalista”(Santos, 2004).

Consideraremos nos seguintes parágrafos o processo de sucessão de grupos terroristas que estiveram na origem do Estado Islâmico.

Abu Musab al-Zarqawi, um jordano anarquista, funda o “Jund al-Sham, o exército do Levante.” (Rogeiro, 2015). Este grupo tinha ligações a campos de treino no Afeganistão e acções militares na Jordânia e no Iraque.

Em 2003, o Al-Tawhid wa al-Jihad, «Monoteísmo e Jihad», fundado na Jordânia por Abu Musab al-Zarqawi, com o objectivo de depor o governo Jordano, inicia operações no Iraque. Este grupo representou um papel importante na insurgência verificada no Iraque, com o controlo de significativas partes do território iraquiano que veio a perder após a ocupação liderada pelos Estados

Unidos da América. Entre os vários crimes perpetrados por esta organização encontra-se o atentado contra a sede da missão das Nações Unidas em Bagdade, que resultou na morte de 22 pessoas, incluindo o Alto-comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Sérgio Vieira de Mello, o rapto e execução do cidadão japonês Shosei Koda e o bombardeamento que decorreu a 30 de Setembro de 2004, na cidade de Bagdade, que causou a morte de 41 pessoas e deixou feridas pelo menos 130, a maioria das vítimas deste ataque eram crianças.

Em Outubro de 2004, Abu Musab al-Zarqawi, alterou o nome do grupo para Tanzim Qaidat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn, ou a al-Qaeda na Terra dos Dois Rios” (Stern & Berger, 2015), mais conhecida por Al-Qaeda no Iraque, após ter declarado a bayah (fidelidade) à Al-Qaeda Central, na altura ainda liderada por Osama bin Laden.

Em Janeiro de 2005, Abu Musab al-Zarqawi, funda o grupo «Conselho da Assembleia dos Combatentes da Liberdade» ou MSC, acrónimo inglês para Conselho da Assembleia dos Mujahideen. Esta organização, que se encontrou activa de Janeiro a Outubro de 2006, controlava as actividades de, pelo menos, seis outros grupos terroristas organizados: Tanzim Qaidat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn, Jeish al-Taiifa al-Mansoura, Katbiyan Ansar Al-Tawhid wal Sunnah, Grupo Saray al-Jihad, Brigadas al-Ghuraba e Brigadas al-Ahwal.

Em Junho de 2006, Abu Musab al-Zarqawi e os seus principais comandantes são mortos, durante um ataque organizado pelos Estados Unidos da América. Em Outubro do mesmo ano Abu Ayyub al-Masri, líder da Al-Qaeda no Iraque, anuncia a criação do Estado Islâmico do Iraque, tendo como líder Abu Omar al-Baghdadi. Este grupo foi formado através da junção de várias organizações terroristas que se encontravam organizadas sob o Conselho da Assembleia dos Combatentes da Liberdade, como Jeish al-Fatiheen, Jund al-Sahaba, Katbiyan Ansar Al-Tawhid wal Sunnah e Jeish al-Taiifa al-Mansoura, sob o controlo da Tanzim Qaidat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn. Abu Omar al-Baghdadi é nomeado líder, ele que tinha sido nomeado emir pelo Conselho da Assembleia dos Combatentes da Liberdade, aquando da formação do grupo, e por Abu Ayyub

al-Masri, a quem tinha sido atribuído o cargo de Ministro da Guerra dentro da organização. Apesar de possuir bastantes figuras da Al-Qaeda nos seus cargos superiores e de partilhar grande parte da sua ideologia com essa organização terrorista, este grupo nunca foi oficialmente declarado como um ramo da Al-Qaeda. Este grupo manteve a sua denominação até ao seu envolvimento na guerra civil na Síria.

Em 2010, Abu Omar al-Baghdadi e Abu Ayyub Al-Masri são mortos por uma operação conjunta dos Estados Unidos da América e do Iraque, “alegadamente com informações recolhidas em países limítrofes” (Rogeiro, 2015). Neste mesmo ano, o Estado Islâmico do Iraque anuncia Abu Bakr al-Baghdadi, o novo líder, com a obrigação de renascer a organização.

Em 2011, a Síria entra em guerra civil. Doadores do Koweit começam a apoiar os grupos que combatem o governo de Bashar al-Assad. Abu Bakr al-Baghdadi, tinha necessidade de fundos e viu na guerra civil da Síria a oportunidade de receber apoio financeiro. A guerra civil na Síria, deu uma conjuntura ideal a Abu Bakr al-Baghdadi para lançar nesse território uma célula dependente do Estado Islâmico do Iraque. Após o envio de alguns combatentes treinados e do estabelecimento da Frente al-Nusra, o grupo terrorista adicionou Síria ao seu nome como forma de mostrar a sua posição de controlo sobre o território.

Em 2013, Abu Bakr al-Baghdadi, declara a absorção da Frente al-Nusra e diz que o seu grupo vai passar a ser conhecido como Estado Islâmico do Iraque e da Síria, mas esta junção é rejeitada por Abu Mohammed al-Jawlani, líder da Frente al-Nusra.

Em 2014, depois de meses de disputa entre a Frente al-Nusra e o Estado Islâmico do Iraque e da Síria, a Al-Qaeda renuncia aos laços com o Estado Islâmico do Iraque e da Síria.

A 29 de Junho de 2014, o Estado Islâmico do Iraque e da Síria autoproclamou-se como um Califado (Estado Islâmico) que apaga todas as fronteiras do Estado, passando a denominar-se apenas Estado Islâmico e Abu Bakr al-Baghdadi, torna-se a autoridade auto declarada de Califa.

Esta afirmação como califado é polémica, mesmo dentro do mundo islâmico, pois este tipo de governo tinha sido legalmente abolido aquando o fim do Império Otomano. Além disso, esta definição tem um objectivo muito mais político e ideológico do que territorial (*“Though the caliphate claim is an attempt at greater political and theological legitimacy for ISIS and its militant goals, it makes no difference for the large majority of global Muslims who will not respond to ISIS’ call for “all Muslims to pledge allegiance to (Baghdadi) and support him.”* (Hafiz, 2014)).

6.2. Território

O Estado Islâmico ocupa uma parte do território que abrange a Síria e o Iraque. Mas pretende ocupar o Golfo Pérsico, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano, Chipre, Turquia e a Península Ibérica, passando pelo Mediterrâneo até ao Paquistão.

No Iraque a sua presença é forte em toda a parte ocidental do país, faltando apenas partes do Curdistão Iraquiano, no Nordeste. Ocupa a cidade de Mossul, a segunda cidade do país e está a poucos quilómetros de Bagdad.

Na Síria, o Estado Islâmico ocupa uma faixa que corta o país ao meio. No nordeste há uma zona triangular que faz fronteira com a Turquia e com o Iraque que não está dominada pelo Estado Islâmico, mas com excepção de Kobani e a zona circundante, o Estado Islâmico domina centenas de quilómetros da fronteira com a Turquia. Controla a região petrolífera de Deir Ezzor, na Síria.

O Estado Islâmico obriga as pessoas que vivem nas áreas controladas a converterem-se ao islamismo, a viverem de acordo com a interpretação sunita da religião e sob a sharia. Quem se recusa sofre torturas e mutilações ou é condenado à morte. O Estado Islâmico é violento com soldados inimigos e pessoas de outras confissões religiosas como os muçulmanos xiitas, assírios, cristãos arménios, yazidis, drusos, shabaks, mandeanos e muçulmanos divergentes, sunitas que não reconhecem o califado.

A sua intenção é criar um Estado Islâmico Sunita de orientação salafista. Nas áreas ocupadas pelo Estado Islâmico foi criado “um sistema de divisões provinciais, correspondentes às regiões administrativas (wilayat) dos territórios ocupados na Síria e no Iraque e dos territórios reclamados, mas ainda não controlados” (Rogeyro, 2015). Estas estruturas têm o seu “próprio governador, e são ramificadas em governos locais, bem como numa série de unidades administrativas” (Stern & Berger, 2015). Existem territórios que estão controlados por grupos aliados do Estado Islâmico e que serão absorvidos à medida que o califado se expandir.

Assim os Conselhos Provinciais são: “Anbar, Bagdad, Diyala, Fallujah, Al-Janub, Kirkuk, Ninive e Salahuddin para o Iraque e Aleppo, Al-Badiah (Homs), Al-Baraka, (Hasaka), Damasco, Hama, Idlib, Al-Kair (Diz az Zur), Al-Raqqah, Al-Sahal (Latakia) na Síria e ainda a «província ideal» de Al-Furat (Eufrates).” (Rogero, 2015).

Além destas wilayat que controla no Iraque e na Síria, existem outras na Líbia, a província de Tarabalus a oeste, Barqa a leste e Fezzan a sul; na Argélia a província de al-Jaza`ir; a wilayat do Sinai; a wilayat Khorosan (que engloba Afeganistão e Paquistão) (Silva R. , 2015).

Estes Conselhos Provinciais já tem governadores designados que são: “Abu Maysara (Ahmed al-Jazza) para Bagdad, Abu Abd al-Salem (Adnan Sweidani) para Anbar, Abu Nabil (Wissam al-Zubaidi) para Salah al-Din, Abu Fatima (Naima al-Joubouri) para Kirkuk, Ahmed Mohsen al-Jubayshi para o Eufrates Sul e Central, Abu Jurnas (Ali al-Hamikh) para Raqqah, Abu al-Masris Shuayb para Homs e Abu Usama al-Iraqi para Al-Barakah (Hsakah)” (Rogero, 2015).

Existem também nestes territórios locais de campos de treino e com outras capacidades militares. Assim, temos “na Síria, Ar-Raqqah (centro administrativo e de comando), Aleppo (campos de treino), no Iraque, Nínive (campos de treino e de doutrina), Salah al-Din (unidade de forças especiais), Kirkuk (parque de veículos e escola dos mesmos), Al-Fallujah (onde existe um sistema «experimental» de trincheiras e subterrâneos), Anbar (MANPADS) e Dayali (sistemas de radar/guerra electrónica).” (Rogero, 2015).

Refira-se que estas informações, no momento em que forem lidas, podem já ter sofrido alterações.

6.3. Liderança

Abu Musab al-Zarqawi

Abu Musab al-Zarqawi, nome de guerra de Ahmad Fadhill Nazzal al-Kalaylah (Stern & Berger, 2015), nasceu em Zarqa, na Jordânia. Era um homem pequeno e atarracado” (Weaver, 2006) e “uma mistura de visionário, anarquista, chefe de bando e marginal.” (Rogeyro, 2015). Ainda novo, junta-se à Tablighi Jamaat, que é uma organização que tem por objectivo orientar os muçulmanos através da contemplação e das boas acções. Em 1989, adere ao movimento de insurgência contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que tinha ocupado o Afeganistão. Depois da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ter deixado o Afeganistão, combate em algumas batalhas entre as facções afegãs pelo controlo do país.

Um dos muitos jihadistas que conheceu neste período foi o seu inspirador, “o xeque Abu Muhammad al-Maqdisi, um dos arquitectos do salafismo jihadista” (Stern & Berger, 2015). Em 1993, Abu Musab al-Zarqawi é preso, sendo libertado em 1999. Durante os anos em que esteve preso tentou recrutar elementos para que o ajudassem a derrubar a liderança jordana. Fugiu para o Afeganistão, onde contou com o apoio do regime Taliban. Era considerado um especialista em substâncias tóxicas.

Em 2004, mudou o nome do seu grupo de Al-Tawhid wa al-Jihad ("Monoteísmo e Guerra Santa") para Tanzim Qaidat al-Jihadi fi al-Rafidayn, a Organização da Al-Qaeda no Iraque. Neste mesmo ano começa a sua estratégia de decapitações. Em 2005, funda o grupo Conselho da Assembleia dos Combatentes da Liberdade, entre 2005 e 2006 desencadeia vários atentados, tentando inflamar uma guerra sectária contra a comunidade Xiita, vindo a ser morto por uma operação conjunta entre os Estados Unidos da América, o Iraque e a Jordânia.

O seu sucessor foi Abu Ayyub al-Masri, também conhecido como Abu Hamza al-Muhajer, homem de Ayman al-Zawahiri, toma o lugar de líder da Al-Qaeda no Iraque.

Abu Bakr al-Baghdadi

O Estado Islâmico é liderado por Abu Bakr al-Baghdadi¹¹, que nasceu na cidade Iraquiana de Samara em 1971. Adaptou o seu actual nome em homenagem ao primeiro califa Abu Bakr. Está envolto em sigilo, não muito diferente da mística ligada à figura de Mullah Muhammad Omar, líder dos fundamentalistas islâmicos talibans. Tem um doutoramento em Cultura Islâmica e Lei da Sharia. Veio da Al-Qaeda do Iraque, refugiou-se na Síria para combater o presidente sírio Bashar al-Assad e aproveitou o caos da guerra civil para construir o seu exército. Assumiu o lugar de líder após a morte de Abu Ayyub al-Masri e de Abu Abdullah al-Rashid al-Baghdadi, em 2010, num ataque liderado conjuntamente pelos Estados Unidos da América e pelo Iraque.

Em 2003, Abu Bakr al-Baghdadi participou na criação do grupo Jamaat Jaysh Ahl al-Sunnah wa-i-Jamaah, que realizava acções em Samarra, Diyala e Bagdade, por altura da invasão norte-americana do Iraque. A sua função nesse grupo era presidir ao comité da Lei Islâmica. Por esta altura, Abu Bakr al-Baghdadi chegou mesmo a ser preso por forças da coligação liderada pelos norte-americanos. Esteve preso em Camp Bucca, nas proximidades de Umm Qasr, no Iraque. Na prisão teve a oportunidade de se radicalizar, e encontros com elementos que mais tarde ingressaram em várias organizações armadas, incluindo o Estado Islâmico. Foi solto em Dezembro de 2004, por não ser considerado uma grande ameaça.

O grupo Jamaat Jaysh Ahl al-Sunnah wa-i-Jamaah, fez parte do grupo de organizações terroristas que declararam lealdade ao MSC, acrónimo inglês para Conselho da Assembleia dos Mujahideen. No Conselho da Assembleia dos Mujahideen, Abu Bakr al-Baghdadi, integrou também os comités que tratavam de assuntos referentes à aplicação da Sharia. Quando a organização se extinguiu e deu lugar ao Estado Islâmico do Iraque, Abu Bakr al-Baghdadi, foi promovido a general, sendo que a sua função dentro da organização consistia em supervisionar

¹¹ Também conhecido como Abu Du'a, Ibrahim Awwad Ibrahim Ali Muhammad al-Badri al-Samarrai, (auto-proclamado) Califa Ibrahim ou ainda Abu Bakr Al-Baghdadi Al-Husseini Al-Qurashi

os comités da sharia responsáveis pela sua aplicação nas wilayat sob controlo da organização.

Abu Bakr al-Baghdadi, desempenhava também a função de membro do conselho consultivo sénior do Estado Islâmico. Foi após desempenhar essa função que foi o escolhido para suceder a Abu Omar al-Baghdadi em Abril de 2010, como líder do Estado Islâmico.

Abu Bakr al-Baghdadi quer o poder, a influência e a autoridade e que a comunidade Islâmica volte a ter o prestígio que teve outrora. Abu Bakr al-Baghdadi emprega o Salafismo e pede o regresso da fé de há 1400 anos atrás, tendo uma interpretação radical do Salafismo. Para Abu Bakr al-Baghdadi, os que não crêem no Salafismo sofrem e afirma ser o descendente directo do profeta Maomé.

Desde 2011, o governo norte-americano oferece uma recompensa de 10 milhões de dólares a quem possa providenciar alguma informação sobre o seu paradeiro, sendo que essa recompensa só é ultrapassada pela do líder da Al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri, cujo valor é de 25 milhões de dólares.

6.4. Estrutura

A estrutura do Estado Islâmico está “concebida para sobreviver à morte de al-Baghdadi,” (Stern & Berger, 2015) sendo a sua força militar dominada por iraquianos, ao passo que muitas das suas instituições civis têm funcionários estrangeiros. As armas foram capturadas aos grupos armados sírios inimigos e aos exércitos Sírio e do Iraque, durante a ofensiva sobre Mossul, e constam de um grande arsenal “como aviões de combate, helicópteros, carros de combate (tanques), blindados de reconhecimento e combate, blindados de infantaria, blindados de transporte de pessoal, blindados de engenharia, blindados de comando, camiões de transporte de militar/uso duplo, jipes/4x4, canhões sem recuo, mísseis anti-carro (lançadores), artilharia (canhões/obuses), lança-foguetões múltiplos, artilharia antiaérea (canhões), mísseis antiaéreos portáteis (lançadores), aeronaves sem ocupante (UAV), mísseis antiaéreos fixos, radares (detecção, altitude, aviso prévio, etc.) e mísseis ar- ar” (Rogeyro, 2015). O Estado Islâmico é extremamente agressivo e eficiente em combate, com várias atrocidades, como sequestros, assassinatos de civis e torturas.

O Estado Islâmico tem vários membros que compõem os órgãos políticos e militares, que mencionarei de seguida.

O Conselho Militar é composto por “Abu Ahmad al-Alwani (Walled Jassem al-Alwain), Abu Muslim al-Turkmani (Fadeel al-Hiyali), antigo oficial do exército iraquiano e actual comandante das operações no Iraque; Abu Omar al-Shishani (Tarkhan Batihvili), comandante das operações na Síria; Abu Muhammad al-Suwe Idawi (Abu Ayman al-Iraqi), antigo coronel do exército iraquiano; Abu Suleiman al-Naser; Abu Lu`ay (Abdul Wahid Khutnayer Ahmed), chefe da segurança interna” (Rogeyro, 2015).

O Conselho Consultivo Político é composto pelo “Califa Abu Bakr al-Baghdadi; Abu Ali al-Anbari, «nº3 do Estado», antigo oficial do exército iraquiano e actual comandante do sistema geral de informações e contra-informações e supervisiona a segurança interna de Lu`ay; Abu Fatima al-Jaheishi (Ni`ma Abd Nayef al-Jaburi), governador da região Sul e Central do Eufrates; Abu Arkan al-

Ameri (secretário executivo); Abu al-Athir al-Absi; Abu Muhammad al-Adnani, porta-voz responsável pelas mensagens oficiais; Abu al-Turkmani, «nº2 do Estado» e Abu Shishani «do Conselho Militar».” (Rogeiro, 2015).

O Conselho Religioso, que aprecia e aplica a Sharia é composto por “Abu al-Aani, Omar al-Qahtani, Turki bin Mubarak bin Abdullah, Abu Dergham, Abu Human al-Athari, Osman al-Asiri e Mohammed Mahmoud” (Rogeiro, 2015).

Existem outros membros importantes no Estado Islâmico como “Abu Khattab al-Kurdi; Abu Jandal al-Masri; Abu Huzaifa al- Yemeni; Abu Omar «Malaykum»; Abu Nasser al-Amri; Mahmoud al-Kadir; Abu Musab al- Halous; Abu Abdallah al-Kosofi (Lavrim Muhaxaeri); Abu Qassim (Abdullah Ahmad al-Meshadani), responsável pelo “comando aparentemente autónomo de coordenação dos voluntários estrangeiros para tarefas bombistas e operações; Abu Yahya al-Iraqi, chefe dos guardas costas do Califa; Khairy al-Tahey, Abu Omar al-Kirdash e Abu Kitah que fazem parte do departamento que fabrica explosivos para atentados.” (Rogeiro, 2015).

Para o Estado Islâmico existem ainda os chamados “Ministérios”. Assim, temos “Abu Sima (Faris al-Nuraimi) responsável pelo «Ministério do Armamento»; Abu Mohammed al-Aani que controla o «Ministério dos Assuntos Religiosos»; Muafaq Mustafa Mohammed al-Khamoush (Abu Salah) que coordena o «Ministério das Finanças»; Abu al-Turkmani que coordena o «Ministério das Regiões»; Abu Abdal al-Kadir (Shawkar Huzm al-Farhat) que lidera o «Ministério da Administração Geral»; Abdul Rahman al-Afari que dirige o «Ministério dos Assuntos das Mulheres e Órfãos»; Abu Saji que lidera o «Ministério dos Assuntos Sociais»; Fares Reif al-Naima (Abu Shema) que dirige o «Ministério dos Assuntos Logísticos e Abastecimento», e integra também o Conselho Militar; Abu Hajjar al-Assadi que dirige o «Ministério das Comunicações e Recursos»; Bashar al-Hammadani responsável pelo «Ministério dos Serviços Prisionais»; o Califa Abu Abubakr al-Baghdadi coordena o «Ministério do Petróleo»; a Estrutura Mediática baseia-se num ministério que produz a revista Dabiq e é controlado por Abu Amr al-Shami, sendo a chefia

executiva de Muhammad al-Adnani (Taha Sobhi Falaha); existe ainda uma espécie de «Ministério do Equipamento Social» que está encarregue das reparações de saneamento e electricidade em Mossul e Raqqah, da reconstrução de centros de terceira idade na província de Anbar e até da construção de uma clinica em Nínive.” (Rogero, 2015).

Tem que se ter em atenção que estas informações, no momento em que forem lidas, podem já ter sofrido alterações.

6.5. Objetivos

Já desde a afiliação com a Al-Qaeda, em 2004, o objectivo primário dos governantes do Estado Islâmico tem-se mantido igual: a criação de um califado mundial, onde a população e os territórios se unam sob o seu domínio, ou seja, pretende impor ao máximo a hegemonia religiosa, política e militar islâmica. Querem acabar com as fronteiras actuais que foram herdadas de 1916, em resultado do chamado Acordo "Skyes-Picot", nome dos diplomatas que negociaram o acordo, "estabelecendo secretamente esferas de influência anglo-francesas no Médio Oriente" (Nye, Jr., 2002). A França ficou com a zona que hoje é ocupada pela Síria e pelo Líbano e o Reino Unido ficou com a região da Palestina, da Jordânia e do Iraque.

Esta organização terrorista alterou o seu nome de Estado Islâmico do Iraque e da Síria para Estado Islâmico em Junho de 2014, após tomar o controlo de um território que se estende desde Anqbar, no Iraque, através Deir ez-Zor, na Síria, até à cidade iraquiana de Raqqa. Consequentemente, o líder do grupo, Abu Bakr al-Baghdadi, auto proclamou-se califa, afirmando ter voltado a estabelecer o califado islâmico, e a denominação "Estado Islâmico" foi então utilizada não apenas para denominar a organização, mas também a área territorial por esta ocupada.

Na língua árabe, o termo "califa" tem o significado de "sucessor", neste caso aplicando-se aos sucessores de Maomé que possuíam autoridade política legitimada pela religião islâmica. Abu Bakr al-Baghdadi afirma-se, portanto, o líder religioso e político supremo de toda a população islâmica existente no planeta.

A religião islâmica é a segunda com mais crentes a nível mundial, sendo que a sua população equivale aproximadamente a 1,6 biliões de pessoas, 23% da população mundial. Encontra-se espalhada por todos os continentes, embora seja possível observar uma maior concentração de população islâmica nas regiões da Ásia-Pacífico, África Subsariana e na região do Médio Oriente-Norte de África, sendo que é esta última região que hoje em dia concentra mais ofensivas por parte do Estado Islâmico.

A possibilidade de estabelecimento de um califado a qualquer nível, quer regional quer mundial, pressupõe a adopção da Sharia, direito islâmico, como lei base do sistema judicial do país ou região que pertencer ao califado. Para o Estado Islâmico é a palavra de Deus que deve governar e apoiam o estabelecimento da Sharia. É importante o estabelecimento da Sharia nestes locais porque há mais de 200 anos que não são governados por muçulmanos. Como na sociedade islâmica não existe a separação entre a religião e a legislação, as leis são baseadas nas escrituras sagradas e nas interpretações dos líderes religiosos. A Sharia é geralmente considerada como o conjunto dos princípios gerais de vivência presentes no Corão, código de vida, uma forma de estar na vida, e que abrangem temáticas diversas, desde casamentos e divórcios, a heranças e contractos, e até sanções criminais e dos exemplos estabelecidos pelo Profeta Maomé, também referidos como Sunnah. A interpretação e codificação destes princípios resulta na Fiqh, mas é neste ponto que ocorrem grandes divergências entre académicos Islâmicos, e principalmente entre estes e os membros do Estado Islâmico.

Em Setembro de 2014, foi revelado um documento, intitulado de “Open Letter to Al-Baghdadi”, redigido por mais de 120 académicos Islâmicos, adereçado ao líder do Estado Islâmico. Esta carta pretende representar uma crítica pormenorizada à ideologia defendida pelos membros do Estado Islâmico, demonstrando os pontos em que a ideologia defendida difere da que se encontra presente no Corão. Os pontos de divergência são enunciados primeiramente no “Executive Summary” do documento, sendo que depois se parte para uma análise mais profunda dos mesmos, embora seja possível logo à partida observar alguns dos pontos que não foram, certamente, levados em conta pelo Estado Islâmico, como por exemplo: “7 – *It is forbidden in Islam to kill emissaries, ambassadors, and diplomats; hence it is forbidden to kill journalists and aid workers.*”, “9 – *It is forbidden in Islam to declare people non-Muslim unless he (or she) openly declares disbelief.*”, “13 – *It is forbidden in Islam to force people to convert.*”, “17 – *It is forbidden in Islam to torture people.*” (Open Letter to Al-Baghdadi - Executive Summary, 2014).

Nesta carta, os académicos também apelam a que se deixe de utilizar o termo “Estado Islâmico” para definir esta organização, pois o uso da expressão só contribuirá para que os terroristas membros do grupo tenham uma percepção de que as suas atitudes estão a ser aprovadas pela sociedade, admitindo-as como válidas como forma de defender o Islão de todos os não-islâmicos.

6.6. Financiamento

O financiamento do Estado Islâmico “distingue-se do da Al-Qaeda, que era essencialmente baseado num complexo mecanismo de correios globais e arriscadas transferências de fundos” (Rogeiro, 2015). O Estado Islâmico, que paga salários, financia-se através do tráfico de antiguidades, de pagamentos de resgates, com o apoio de outras organizações que capturam/raptam pessoas e as vendem ao Estado Islâmico. Faz assaltos e o contrabando de droga, de órgãos humanos e armas. Para além disso, “apossou-se de explorações de cimento, areias industriais, fosfatos, mármore, asfalto e sal.” (Rogeiro, 2015) e cobra impostos às populações que vivem nas zonas que controla. Existe a suspeita de apoio financeiro de doadores privados do Golfo Pérsico.

O aumento da sua capacidade financeira permite-lhe comprar a lealdade de alguns grupos rebeldes. Obtém lucros através do controlo da região petrolífera de Deir Ezzor, na Síria e de diversos outros campos petrolíferos e refinarias onde ganha milhões de dólares por dia. Com as centrais de gás de Shaar e Baiji; com o trigo que vem do território agrícola e com a cobrança de impostos obtém mais receitas. “Estima-se que o seu PIB (Produto Interno Bruto) fosse de, pelo menos, 2,3 mil milhões de dólares no fim do Verão de 2014.” (Rogeiro, 2015).

O objectivo deste lucro todo é servir para a construção do califado. A revista Forbes (Forbes International, 2014) faz referência ao Estado Islâmico como o grupo terrorista mais rico do mundo.

6.7. Apoiantes

Em território Iraquiano e Sírio, o Estado Islâmico conseguiu o apoio de milícias locais, mas muitos dos apoios são firmados com base no medo, outros por interesses das próprias milícias. O Estado Islâmico tem uma organização estruturada que é sólida. O número de apoiantes que o Estado Islâmico possui no terreno tem vindo a aumentar exponencialmente desde que o grupo passou a ser mais conhecido na cena internacional. Muitos destes apoiantes são jovens que foram cativados pelo discurso renovado do Estado Islâmico, onde se joga com cenários espectaculares, com a cor e com o som. A maioria dos militantes são árabes, das comunidades sunitas do Iraque e da Síria, oficiais seniores do exército Iraquiano, fiéis a Saddam Hussein. Sendo um exército mais convencional, existem também muitos estrangeiros nas fileiras, constituindo um cluster significativo.

Em Setembro de 2014, a CIA apresentou dados que estimavam que os combatentes apoiantes do Estado Islâmico já poderiam alcançar números entre os 20 mil e os 31.500 apoiantes, em território iraquiano e sírio. O relatório referia também que cerca de 15 mil dos combatentes eram estrangeiros, provenientes de 80 países diferentes, e que, destes, pelo menos 2 mil seriam originários do Ocidente. O típico “combatente jihadi é masculino e tem entre 18 e 29 anos, excepções à parte. Alguns têm mais de 30 anos, e não é de todo invulgar ver combatentes entre 15 e os 17 anos.” (Stern & Berger, 2015).

Actualmente, pensa-se que o número de combatentes ascenderá a mais de 50.000, incluindo muitos estrangeiros de países europeus, dos Estados Unidos da América, de países árabes, entre eles a Arábia Saudita, Marrocos e a Tunísia e de países da região do Cáucaso, incluindo um importante contingente de Chechenos. É necessário ter em conta que, para além das contabilizações oficiais, o Estado Islâmico poderá ter um número muito maior de apoiantes. Isto deve-se ao facto de haver organizações terroristas de outros países que, embora tenham sido criadas independentemente, acabaram por declarar Bayah (lealdade) ou apoio ao Estado Islâmico.

As seguintes organizações são exemplo disso, como o Boko Haram na Nigéria; Al-Shabaab na Somália; Fath al-Islam no Líbano; Jund al-Khilafah da Argélia; Ansar Beit al-Maqdis ou ABM, que agora se chama Wilayat Sinai, a província do Sinai do Estado Islâmico; a Facção de Shahidullah Shahid, do TTP Talibã do Paquistão; Ansar al-Khilafah nas Filipinas; Abu Syyaf; Millata Ibrahim AU; Abu Bakar Bashir na Indonésia; o Batalhão Al-Tawhid de Khorsan na fronteira do Afeganistão – Paquistão; o Jund al-Khilafah nas terras de Kinana no Egipto; Ansar al-Tawhid na Terra de Hind na Índia (Rogero, 2015); Islamic Movement of Uzbekistan no Uzbequistão; Ansar al-Shariah na Líbia e Tunísia; Shura Council of the Youth of Islam na Líbia; Islamic State of Gaza na Faixa de Gaza; Mujahedeen Shura Council in the Environs of Jerusalem na Faixa de Gaza e no Egipto; Ahrar al-Sunna in Baalbek Brigade no Líbano; Al Qaeda in the Arabian Península no Iémen; Bangsamoro Islamic Freedom Movement nas Filipinas e Tehrik-e-Taliban Pakistan no Paquistão e Afeganistão (Masi, 2014).

O Estado Islâmico tem vindo a atrair um número cada vez maior de combatentes estrangeiros. Para a sociedade ocidental, é preocupante esta tendência dos jovens se dirigirem para a Síria para tomarem parte numa luta que, de origem, não seria a sua. Adul Waheed Majeed, de 41 anos, britânico de origem paquistanesa. “Ter-se-á feito explodir, num comboio bomba contra uma prisão de Aleppo, da qual fugiram mais de 300 prisioneiros” e Moner Mohammad Abusalha, de 22 anos, americano, “dirigiu um camiã contra um restaurante em Idlib; onde se reuniam forças fiéis a Bashar al- Assad” são alguns dos nomes que terão embarcado na causa fundamentalista (Baber, 2014). O que realmente levará estes jovens a adotarem ideais tão distintos daqueles com que foram crescendo?

Segundo Matthew Levitt, diretor da divisão de *counterterrorism* e *intelligence* do Washington Institute for Near East Policy, este fenómeno é explicado devido à incessante procura de respostas sobre a sua identidade efectuada por estes jovens, que estão na idade mais propícia à autodescoberta: “For many people who are lacking a strong sense of identity and purpose, their [ISIS] violent radical global narrative provides easy answers and solutions: it can be a very powerful message for people who are looking for answers. (...) Their online

material shows capturing territory, establishing states, beheading enemies: they show that they are the sexiest jihadi group on the block.”

Com milhares de ocidentais a lutarem na Síria e no Iraque muitos países temem que alguns destes voltem radicalizados pela sua experiência e tragam a guerra para dentro da Europa e dos Estados Unidos da América. Na Europa, vários países já procuram soluções para lidar com a existência de nacionais a lutar pelo Estado Islâmico, e, mais especificamente, sobre o que fazer se estes cidadãos regressarem ao país de origem. Entre as medidas discutidas, “há quem sugira a monitorização, como a um doente ou a um toxicodependente, e a distinção de águas, a que teve de se casar com um combatente, ou partiu forçada, e o que decapitou multidões não se sentam na mesma mesa,” (Rogeyro, 2015) a apreensão de passaportes para quem tente deixar o seu país em direcção à Síria, a perda de cidadania, caso se trate de um cidadão com dupla nacionalidade, e a possibilidade de impedimento de entrada no país de pessoas “consideradas suspeitas” provenientes da Síria.

No entanto, nem todos os países europeus enfrentam esta problemática com medidas coercivas. No caso dos países do Norte da Europa, nomeadamente a Dinamarca, tem sido preferido um programa para lidar com adolescentes rebeldes que tenta a reabilitação dos jihadistas que regressem ao país, com o objectivo de compreender o que os levou a juntar-se à causa do Estado Islâmico, excepto se for provado que os indivíduos em causa cometeram crimes de guerra.

Nos Estados Unidos da América, estão a ser postas em prática medidas de vigilância extra, como a proibição de regressar ao país depois de ter estado na Síria, a apreensão do passaporte e um maior escrutínio dos bens que os passageiros em causa transportam.

6.8. Redes Sociais

As comunicações estão a mudar o mundo, sendo as redes sociais utilizadas pelo Estado Islâmico, uma sofisticada máquina de propaganda, recrutamento, incitamento e até planeamento operacional.

A Al-Qaeda utilizava o canal Al-Jazeera para difundir as suas mensagens. Actualmente os terroristas aderiram à internet 2.0. As redes sociais são melhor utilizadas pelo Estado Islâmico do que pela Al-Qaeda. Aí se registam e falam sem serem reconhecidos. Colocam mensagens e vídeos no Twitter, Facebook e outras redes sociais, com apelos feitos à juventude, através de jogos como o Call Duty, onde aparecem combates e execuções, que constituem produções mediáticas muito eficazes.

Esta propaganda tem três grandes objectivos: primeiro, é a comunicação de liderança; segundo, são imagens de operações militares que ajudam a promover uma imagem de força; e o terceiro objectivo, usando os vídeos sobre a vida que se tem nos locais ocupados pelo Estado Islâmico, passam uma ideia que estão a construir uma sociedade perfeita - esta propaganda sofisticada oferece um sonho de unidade e também de dignidade.

O Estado Islâmico tem uma série de vídeos de propaganda jihadista com o nome “The Changing of the Swords” e filmes como o “Flams of War. Existem “centros de design a planear e fazer jogos de vídeo HTML5, e criaram bibliotecas virtuais de obras literárias e musicais, filmes de ficção e documentários seleccionados.” (Rogeiro, 2015).

Esta guerra é a primeira guerra nas redes sociais que desta maneira influencia a visão do mundo acerca do que está a acontecer no momento. Cada organização jihadista tem a sua agenda e ideias, mas todas defendem a palavra de Deus em conjunto - para o Estado Islâmico é a palavra de Deus que deve governar.

É indiscutível o enorme impacto que internet e, em especial, as redes sociais têm no dia-a-dia da população mundial. Usados de forma positiva, estes dois factores contribuem para uma maior inclusão dos indivíduos na “aldeia global”, fazendo com que seja possível que pessoas em locais distintos do globo tenham

conhecimento, em tempo real, do que se vai passando pelo mundo. Aliadas às novas tecnologias, como por exemplo os aparelhos portáteis que possibilitam a captura e visualização de imagens, como as clássicas câmaras fotográficas ou de filmar, mas mais frequentemente aparelhos como smartphones e tablets, a internet e as redes sociais facilitam a circulação de informação mais rapidamente do que nunca. Com as redes sociais é mais fácil para elementos com crenças extremistas encontrar iguais e coordenar as suas acções.

O Estado Islâmico apercebeu-se de que a internet é o espaço ideal para a comunicação e que esta propaganda em cadeia é uma arma de recrutamento de massas. Em 2014, o Twitter reagiu e banuiu toda as contas oficiais do Estado Islâmico, suspendendo as contas dos apoiantes.

Estabelecido pelo Estado Islâmico em 2014, através do gabinete oficial de propaganda, o Al-Itisam Establishment for Media Production, o “Al-Hayat Media Center” é uma organização utilizada como meio de comunicação prioritariamente dirigido às civilizações ocidentais. O “Al-Hayat Media Center” “chegou a manter na internet 12 páginas contendo instruções de posto de comando, 6 páginas de recrutamento e outras ainda não identificadas” (Rogeiro, 2015). Utiliza o alemão, o francês e o inglês como linguagens primárias, e foca-se particularmente numa audiência mais jovem. Da sua responsabilidade são as comunicações no Twitter, pequenos vídeos conhecidos como “Mujatweets”, documentários, os vídeos das execuções, as mensagens transmitidas por John Cantlie¹² e também a publicação de uma revista online, de nome “Dabiq”, completamente em inglês, que é utilizada para incentivar as pessoas a irem para o Iraque e para Síria, recrutando imigrantes para construir o seu Estado.

“Dabiq, na Síria, desempenha uma espécie de profecia de Armagedão para o Estado Islâmico, na batalha final da história contra a «horda das 80 bandeiras».” (Rogeiro, 2015). Esta organização de produção de conteúdos mediáticos difere em muito de tudo o que os jihadistas tinham apresentado até aos dias de hoje.

¹² Ver ponto 6.9. - Execuções

Houve uma grande evolução em termos de estratégias de comunicação desde os vídeos que eram colocados a circular na Internet com mensagens de Osama Bin Laden. Atualmente, os meios utilizados são mais complexos, de maior sofisticação e qualidade, com as mensagens a serem difundidas nos mais variados meios, como o “Vkontakte russo, em Agosto de 2014, e de Twitter para friendica.eu e, depois ainda, para Qwitter e Diaspora.” (Rogeyro, 2015). Alguns dos vídeos, divulgados pelo Estado Islâmico possuem mesmo os seus próprios trailers e também tem levado a cabo documentários e talks shows radiofónicos.

Não há dúvida que o Estado Islâmico está a conseguir usar para seu proveito as redes sociais e os meios mediáticos tornados célebres e altamente disseminados pelo mundo ocidental. A utilização organizada e metódica destes meios têm-se mostrado como uma das formas, senão a forma mais eficaz de fazer a mensagem do Estado Islâmico alcançar o maior número de pessoas possível. Para esta situação muito tem contribuído o aumento das fileiras de combatentes oriundos da Europa, Austrália e Estados Unidos da América que escolhem apoiar a causa deste grupo.

Para além de cativar as pessoas para a causa, esta elevada distribuição de informação também contribui para uma mais eficaz disseminação do terror, tendo em conta que é o próprio Estado Islâmico, e não os media tradicionais, que controla o fluxo informativo. De certo modo, a participação da sociedade, que consome a informação disponível sobre o Estado Islâmico, quer seja divulgada pelo “Al Hayat Media Center” ou não, dá normalmente maior destaque a notícias relacionadas com as acções do Estado Islâmico por parte de meios de comunicação oriundos dos países-alvo das ameaças realizadas por esta organização terrorista, contribuindo para a propagação cada vez mais rápida das notícias e opiniões sobre a matéria.

Pode ser considerado então que a sociedade oferece um contributo importante na propagação do fenómeno do “super-terrorismo”. Como escrito por António de Sousa Lara: “Por outro lado, é a própria sociedade aberta e democrática que fornece o mensageiro: a concorrência desenfreada das grandes empresas de

comunicação social de massas, alimentou a avidez por este tipo de notícias e multiplica, assim, o efeito perverso da sua eficácia em termos de escala transcontinental. Ou seja, o fenómeno atinge uma proporção psicológica e social de dimensões muito maiores à escala da sociedade global por causa dos meios de comunicação de massas, sobretudo os pertencentes aos próprios países alvejados. E desta situação não se vislumbra saída possível”.

O Estado Islâmico apercebeu-se das vantagens destes meios de comunicação e desta maneira aparecem elementos do Estado Islâmico na rede social Twitter e no Facebook com armas de guerra e apresentam a Síria e o Iraque como locais onde é bom viver, com combatentes sorridentes, a comer pizza e a viver em mansões ocupadas pelo Estado Islâmico, “todos posam com bandeiras negras e acenando, em gesto de reconhecimento, o dedo indicador para o céu, símbolo religioso que expressa a unicidade de Alá” (Bui & Toscer, 2014).

As imagens que o Estado Islâmico mais divulga como forma de espalhar o terror mais fácil e eficazmente pela população mundial, têm sido a divulgação de vídeos e gravações que retractam a execução de prisioneiros. Utilizam este choque pelas barbáries e atrocidades, que vão buscar aos métodos de Abu Musab al – Zarqawi.

Um dos primeiros conjuntos de imagens a ser divulgado, em Junho de 2014, retractava uma execução em massa de cerca de 1700 soldados iraquianos. As imagens em questão correram o mundo rapidamente, e catapultaram o Estado Islâmico para os *hot topics* da agenda internacional, sendo que até à data, pouco ou nada se sabia ou referia sobre esta organização terrorista, excepto nas áreas mais próximas da sua actuação. Os militantes do Estado Islâmico utilizaram a rede social Twitter para divulgar o vídeo e fotografias do acontecimento, acrescentando uma mensagem para Nouri al-Maliki, que era na altura o Primeiro-Ministro do Iraque, onde pairava a ameaça de que aquele seria o destino que aguardaria todos os soldados iraquianos que fossem enviados pelo governo para combater a organização.

Outra das mensagens divulgadas foi a de que o massacre dos soldados iraquianos tinha sido um acto de retaliação pelo assassinio do comandante extremista Abdul-Rahman al-Beilawy. A partir dessa divulgação de imagens, tornou-se comum para o Estado Islâmico publicitar as execuções realizadas por membros do grupo, através de vídeos, onde os indivíduos que se encontravam prestes a ser executados pronunciavam as suas últimas declarações. Essas declarações demonstravam o seu apoio à causa do Estado Islâmico e a sua desaprovação das acções levadas a cabo por países como os Estados Unidos da América, o Reino Unido e a Austrália para combater os avanços desta organização.

As redes sociais devem ser alvo de contra informação, deve haver uma interacção com os utilizadores. Ganhar a guerra da informação é minar o apelo do Estado Islâmico entre os utilizadores, porque outros extremistas estão a observar e a aprender com o Estado Islâmico.

6.9. Execuções

O Estado Islâmico promove decapitações e degolações medievais ritualizadas, que fazem questão de filmar e difundir nas redes sociais. “O estilo de execução do EI – golpeando o pescoço da vítima – não é concebido para minimizar a dor, mas para maximizar” (Stern & Berger, 2015). As vítimas são líderes tribais que decapitam, para exercer o poder, soldados inimigos, pessoas de outras confissões religiosas como os cristãos, a quem são dadas três opções: a conversão, o pagamento de uma taxa religiosa ou a pena de morte; os Yazidis, devido a acreditarem na encarnação e não seguirem nenhum livro sagrado; “os muçulmanos infiéis, que se encontram sob as designações de Xiitas, Ibaditas, Alevitas, Zaiditas, Ahmadis, Anefitas, Drusos, Sufis, Ismailitas” (Enzensberger, 2008) e os sunitas que não reconhecem o califado.

Os Xiitas, são considerados como infiéis que devem ser mortos. Esta tradição de violência já vem do tempo de “Ibn Taymiyyah que identificou os xiitas como um inimigo claro do Islão e de Abd al-Wahhab que adoptou uma série de posições antixiitas que resultaram numa avalanche de violência contra as populações xiitas durante a conquista da península Arábica, no século XIX.” (Stern & Berger, 2015). Mas o Estado Islâmico vai buscar estas práticas bem mais longe, ao tempo das Cruzadas.

Os casos mais mediáticos continuam a ser, até à data, os das execuções de cidadãos ocidentais, que são apresentados de seguida, juntamente com a data da publicação do vídeo da sua execução.

James Foley – 19 de Agosto de 2014

James Foley, era um jornalista norte-americano que fora raptado na Síria em Novembro de 2012. Na altura do rapto, James Foley trabalhava para a Agence France-Presse e para um jornal online, o GlobalPost. Inicialmente considerou-se que o seu rapto seria da responsabilidade do governo sírio, o que mais tarde se provou falso. A 12 de Agosto de 2014, a família de James Foley, recebeu um email dos seus raptadores, que anunciava a iminente execução do jornalista. O vídeo dessa

execução, aparentemente filmado no meio do deserto, foi publicado dias depois, com o título “A Message to America”.

No vídeo, James Foley, aparece vestido com um macacão cor de laranja, perto de um homem completamente vestido de preto que tinha a cara tapada e segurava uma faca na mão. Antes de ser executado, James Foley declara *“I call on my friends, family and loved ones to rise up against my real killers – the U.S. government – for what will happen to me is only a result of their complacent criminality.”* (Callmachi, 2014). Depois disso, é iniciada a decapitação, que não é mostrada integralmente, aparecendo posteriormente apenas o cadáver de James Foley. No fim do vídeo, o executor de James Foley, um indivíduo vestido de preto da cabeça aos pés, com uma máscara no rosto e botas de combate, com sotaque britânico que ficou conhecido como “Jihadi John”, anuncia que o Estado Islâmico tem outro jornalista norte-americano, Steven Sotloff, como refém. Este também será executado se os Estados Unidos não pararem os ataques aéreos contra os territórios dominados pela organização.

Steven Sotloff – 2 de Setembro de 2014

Tal como James Foley, Steven Sotloff, era um jornalista norte-americano que tinha sido raptado na Síria, em Agosto de 2013. No vídeo revelado da sua execução, intitulado “A Second Message to America”, Steven Sotloff aparece num ambiente muito semelhante ao do vídeo de James Foley, com o mesmo indivíduo, “Jihadi John” ao seu lado. Tal como acontecera no vídeo anterior, após a decapitação, “Jihadi John” termina a gravação com uma ameaça dirigida ao Presidente norte-americano, Barack Obama: *“Just as your missiles continue to strike our people, our knife will continue to strike the necks of your people”* (Mirkinson, 2014). É revelado também que o britânico David Haines, se encontra refém do Estado Islâmico e que será o próximo a ser executado, como ameaça aos Estados que mostraram apoio aos Estados Unidos da América.

David Cawthorne Haines – 13 de Setembro de 2014

David Cawthorne Haines, era um britânico que tinha sido raptado na Síria em Março de 2013, enquanto trabalhava para a agência francesa de ajuda humanitária ACTED. A aparição de David Cawthorne Haines, no final do vídeo da execução de Steven Sotloff, tinha despoletado uma declaração oficial do Primeiro-Ministro inglês. Perante o Parlamento, o Primeiro-Ministro inglês, David Cameron declarou: *“Let me be very clear: this country will never give in to terrorism. Our opposition to ISIL will continue, at home and abroad. (...) A country like ours will not be cowed by these barbaric killers. If they think we will weaken in the face of their threats, they are wrong. It will have the opposite effect. We will be more forthright in defense of the values – liberty, under the rule of law, democracy and freedom – that we hold dear.”* (Cameron, 2014), mostrando que o Reino Unido não fraquejaria perante a ameaça do Estado Islâmico. Mais uma vez, após a execução de David Cawthorne Haines, “Jihadi John” aparece junto de outro refém, o britânico Alan Henning. Em declarações na rede social Twitter, David Cameron, reagiu ao classificar o sucedido como “um acto de pura maldade” e dizendo que tudo se iria fazer para trazer à luz da justiça os executores de David Cawthorne Haines.

Alan Henning – 26 de Setembro de 2014

Alan Henning, era um cidadão britânico que foi feito refém, quando o Estado Islâmico ocupou a cidade síria de Al-Dana, em Dezembro de 2013, onde fazia voluntariado relacionado com ajuda humanitária. O vídeo da sua execução era novamente em tudo semelhante aos anteriores, sendo que no final “Jihadi John” identificou como próximo refém a executar o cidadão norte-americano Peter Kassig, se a coligação internacional contra o Estado Islâmico não cessasse os seus ataques. Num comunicado oficial sobre a execução de Alan Henning, o Presidente norte-americano Barack Obama declarou: *“Standing together with our UK friends and allies, we will work to bring the perpetrators of Alan’s murder – as well as the murders of Jim Foley, Steven Sotloff and David Haines – to justice. Standing*

together with a broad coalition of allies and partners, we will continue taking decisive action to degrade and ultimately destroy ISIL.” (Obama, 2014), mais uma vez demonstrando a intenção de não diminuir os esforços para derrotar o Estado Islâmico, mesmo perante a ameaça de execução de mais um refém.

Peter Kassig – 16 de Novembro de 2014

Peter Kassig, também conhecido por Abdul-Rahman Kassig, foi o último cidadão norte-americano a ser executado pelo Estado Islâmico. Peter Kassig tinha sido feito refém em Outubro de 2013, enquanto trabalhava em território sírio numa organização não-governamental por ele fundada, SERA. O vídeo da sua execução divergia dos restantes, consistindo apenas na figura de “Jihadi John” com uma cabeça decapitada aos seus pés, que o executor declarava ser Peter Kassig, o que foi mais tarde confirmado pela Casa Branca.

O diferente neste vídeo foi o de, no fim, não ter surgido mais nenhum refém ocidental, mas sim a execução por decapitação de vários soldados sírios. Os executores destes soldados tinham as suas caras destapadas, e é possível ouvir um deles declarar: *“To Obama, the dog of Rome, today we are slaughtering the soldiers of Bashar and tomorrow we will be slaughtering your soldiers.”* (Gordts, 2014).

John Cantlie

John Cantlie é um fotojornalista inglês que foi raptado na Síria em Novembro de 2012, juntamente com James Foley, e ainda permanece em cativeiro sob controlo do Estado Islâmico. Ao contrário dos outros reféns de origem ocidental que até à data foram mostrados em vídeos, Cantlie ainda não foi executado. Em vez disso, a sua imagem tem sido utilizada numa série de vídeos, produzidos de forma elaborada, intitulada *“Lend Me Your Ears”*, onde John Cantlie dá voz a mensagens de defesa da causa do Estado Islâmico.

O primeiro dos vídeos, publicado a 18 de Setembro de 2014, mostra John Cantlie a apresentar-se e a dizer que, com estes vídeos, pretende clarificar mal-

entendidos que têm vindo a ser disseminados pelos meios de comunicação ocidentais sobre o Estado Islâmico. Também declara que estará a transmitir estas informações por vontade própria: *“I know what you’re thinking. You’re thinking ‘he’s only doing this because he’s a prisoner, he’s got a gun at his head and he’s being forced to do this’. It’s true I am a prisoner. But seeing as I’ve been abandoned by my government and my fate lies in the hands of Islamic State, I have nothing to lose.”* (Sommers, 2014).

No vídeo publicado a 21 de Novembro de 2014, Jonh Cantlie declara que está em paz com o seu possível destino, ser executado como os seus ex-companheiros de cela, mas que sente raiva contra o Estado norte-americano, que na sua perspetiva nada fez para o salvar: *“Long ago, I accepted that my fate will overwhelmingly likely be the same as my cellmates, and I’m angry about it.”* (Taibi, 2014).

7. Capítulo IV – Lobos Solitários

Apesar de ser possível identificar, segundo as perspectivas de vários autores, diferentes tipos de Lobos Solitários, no geral definidos como “... o indivíduo que age sozinho, infiltrando-se no grupo alvo (organização ou sociedade), sem qualquer aparente ou uma muito ténue ligação a uma organização terrorista, apesar de uma forte identificação ideológica à mesma (marcada sobretudo por pressupostos religiosos).” (Silva T. A., 2014), o termo Lobo Solitário, pode também fazer referência a indivíduos que procuram sozinhos levar a cabo acções terroristas de índole religiosa (islâmica), semelhantemente ao descrito por Raffaello Pantucci, “... *individuals pursuing Islamist terrorist goals alone, either driven by personal reasons or their belief that they are part of an ideological group...*” (Pantucci, 2011).

Os Lobos Solitários podem ser considerados aqueles indivíduos que sozinhos cometem actos violentos em nome do jihadismo, fora de qualquer estrutura de comando, podendo ser influenciados pela ideologia de um grupo externo. Eles acabam por ser mais eficazes, pois sabem quando agir, fazem ajustes de última hora, conhecem bem o meio que os envolve, tem as doutrinas, as armas e técnicas necessárias para fazerem um atentado.

Os apelos da Al-Qaeda e do Estado Islâmico à participação de novos apoiantes não se cingem à recrutar de jovens pelas redes sociais, aliciando-os para se juntarem fisicamente à luta. Também os Lobos Solitários têm vindo a ser alvo de mensagens específicas para que cometam actos de terrorismo em concordância com os ideais do Estado Islâmico, longe das zonas onde este grupo possui actualmente influência directa. Temos o caso de um apelo feito por um grupo denominado a “divisão de hackers” do Estado Islâmico, com nomes e moradas de militares norte americanos, para que os Lobos Solitários possam atacá-los.

As áreas que o Estado Islâmico pretende atingir através desta acção à distância são maioritariamente os países membros da coligação de estados que,

liderada pelos Estados Unidos da América, combate actualmente os avanços deste grupo terrorista na Síria e no Iraque.

Num apelo directo, efectuado por um porta-voz do Estado Islâmico, Abu Mohammad al Adnani, é possível compreender-se a seguinte mensagem de incentivo à violência, contra militares e mesmo contra civis: *“Hinder those who want to harm your brothers, (...) The best thing you can do is to strive to your best and kill any disbeliever, whether he be French, American or from any of their allies. (...) Do not ask for anyone’s advice and do not seek anyone’s verdict. Kill the disbeliever whether he is civilian or military, for they have the same ruling. Both of them are disbelievers. Both of them are considered to be waging war. (...) Oh Americans, and oh Europeans, the Islamic State did not initiate a war against you, as your governments and media try to make you believe. It is you who started the transgression against us, and thus you deserve blame and you will pay a great price.”* (Levs & Yan, 2014).

Esta mensagem providenciava também instruções para como proceder aos ataques: *“Rig the roads with explosives for them. Attack their bases. Raid their homes. Cut off their heads. Do not let them feel secure. Hunt them wherever they may be. Turn their worldly life into fear and fire. Remove their families from their homes and thereafter blow up their homes.”* (Levs & Yan, 2014).

Já foram lançadas mensagens do Estado Islâmico dirigidas aos Lobos Solitários dizendo respeito a alvos mais específicos, como Times Square, Las Vegas ou o metro da cidade de Paris, através de fóruns na internet.

O post, intitulado *“To the Lone Wolves in America: How to Make a Bomb in Your Kitchen, to Create Scenes of Horror in Tourist Spots and Other Targets”* (Nestel, 2014), facultava instruções para a manufacturação de bombas caseiras, utilizando ingredientes fáceis de obter e deitar fora facilmente, e de difícil detecção por parte de cães das equipas policiais. Explicava também em grande detalhe como utilizar materiais extras na bomba para causar os maiores danos possíveis, como assegurar a segurança do bombista e quais os melhores locais para efectuar a detonação da bomba. Toda a comunicação foi feita através de mensagens trocadas

entre utilizadores do fórum, que iam partilhando os seus conhecimentos sobre a matéria.

Especula-se que terá sido com o auxílio de uma página com informações deste género que os irmãos Tsarnaev terão fabricado as bombas utilizadas por eles durante o atentado na Maratona de Boston, em 2013, o que mostra que estas informações podem ser realmente postas em prática por Lobos Solitários.

Mais uma vez, realça-se a importância da internet como plataforma utilizada pela Al-Qaeda e pelo Estado Islâmico para propagandear os seus ideais. Desta maneira, indivíduos que estão a milhares de quilómetros de distância do epicentro da actividade deste grupo terrorista, tem acesso aos mesmos conhecimentos dos que se encontram efectivamente no local, podendo assim levar a cabo eficazmente as suas acções terroristas individuais.

Em termos de possíveis tipos de Lobos Solitários, existem três grupos. Os que atuam individualmente e de uma forma totalmente isolada, caso de Anders Behring Breivik, responsável pelos atentados de 22 de Julho de 2011 na Noruega; os que atuam individualmente mas que tem um determinado nível de ligação a outros elementos, caso de Amédy Coulibaly responsável pelo atentado ao supermercado judaico em Paris e os que atuam em grupo, como os irmãos Kouachi, responsáveis pelo ataque à redacção da revista satírica Charlie Hebdo em Paris.

Estas acções armadas são levadas a cabo por elementos que vivem e estão estabelecidos nestes países, como tal, não estão monitorizados por parte das forças e serviços de segurança.

8. Capítulo V – Como se relacionam o Estado Islâmico e a Al-Qaeda

O Estado Islâmico e a Al-Qaeda defendem a mesma ideologia jihadista. Mas, o Estado Islâmico derivou da Al-Qaeda, pois as suas acções tornaram-se muito radicais e brutas para os padrões da Al-Qaeda. Esta situação provocou a separação entre os dois grupos, levando à alteração do nome do “Estado Islâmico do Iraque” para “Estado Islâmico do Iraque e da Síria”.

Durante a guerra civil na Síria, o Estado Islâmico do Iraque enviou dezenas de combatentes treinados para o terreno, com o objectivo de estabelecer uma organização terrorista subsidiária do Estado Islâmico dentro do país. Liderados por Abu Mohammad al-Golani, e com permissão da Al-Qaeda e do Estado Islâmico do Iraque, estes combatentes estabeleceram uma célula da Al-Qaeda em território sírio, denominada Jabhat al-Nusra. O objetivo desta célula terrorista era derrubar o governo do presidente sírio Bashar al-Assad, e no seu lugar implementar um Estado Islâmico.

A atitude da Frente al-Nusra era bastante diferente da de outros grupos jihadistas, pois esta disponibilizou sempre ajuda humanitária e serviços aos cidadãos dos locais por si tomados, tentava manter boas relações com as comunidades locais, e evitava confrontos com a população.

Também Abu Mohammad al-Golani se mostrou um líder diferente, pois ao contrário do que se verificava com o líder do Estado Islâmico do Iraque, Abu Bakr al-Baghdadi, este nunca exigiu que os residentes das áreas sob o controlo da Frente al-Nusra lhe jurassem fidelidade, e em vez do título de “Emir” referia-se a si apenas como “General da Frente”.

Apesar dos apoios prestados pelo Estado Islâmico do Iraque e pela Al-Qaeda, a Frente al-Nusra nunca demonstrou oficialmente lealdade a qualquer partido ou organização terrorista. Mesmo assim, o poder da Frente al-Nusra crescia diariamente, devido às suas actividades persistentes e também ao grande apoio da população síria que se encontrava descontente com o regime em vigor. Abu Bakr al-Baghdadi, reconhecendo o crescimento exponencial da organização, anunciou,

em Abril de 2013, numa gravação, que os dois grupos se iriam juntar num novo, denominado “Estado Islâmico do Iraque e do Levante”.

Como pretexto para a fusão dos dois grupos, Abu Bakr al-Baghdadi, afirmou que o grupo iraquiano providenciava à Frente al-Nusra cerca de metade do seu financiamento, o que provava a existência da Frente al-Nusra, como uma simples extensão do Estado Islâmico do Iraque. Este anúncio levou a grandes ondas de contestação popular na Síria, pois era considerado que nenhuma entidade tinha o poder de impor determinado regime e líderes no território. Segundo um representante do Exército Livre Sírio, Louay Mekdad, “No one has the right to impose any form of state on Syrians. (...) Syrians will go to the polls to choose their leaders and form their own state.”

A extinção da Frente al-Nusra como organização independente foi negada por Abu Mohammad al-Golani, que declarou que a junção dos dois grupos iria prejudicar tudo o que a Frente al-Nusra tinha alcançado na revolução síria. Numa tentativa de defesa dos interesses da Frente al-Nusra, Abu Mohammad al-Golani anunciou oficialmente a lealdade do grupo à Al-Qaeda, e pediu que o líder do grupo, Ayman al-Zawahiri, procedesse à mediação das conversações entre ele e Abu Bakr al-Baghdadi.

Em Junho de 2013, Ayman al-Zawahiri, numa carta adereçada aos líderes de ambas as organizações, não só declarou que fora um erro da parte do Estado Islâmico do Iraque anunciar a fusão dos dois grupos sem consultar primeiramente a Al-Qaeda, como anunciou o apoio à Frente al-Nusra, como ramo da Al-Qaeda na Síria, impedindo a fusão das organizações, e por isso tentando travar a implementação do “Estado Islâmico do Iraque e do Levante”. Nomeou também um comandante da *jihad* sírio, Abu Khaled al-Suri como seu enviado pessoal para supervisionar não só a implementação do acordo imposto, mas também a relação entre as duas organizações.

Abu Khalid al-Suri veio a concluir que o Estado Islâmico se desviou da sua doutrina, com “ataques a outros «combatentes da liberdade», arrogância e violação

de votos de fidelidade, e declarações «não processuais» e injustificadas de «takfir», ou apostasia ou excomunhão.” (Rogeiro, 2015).

As ordens de Ayman al-Zawahiri foram rejeitadas por Abu Bakr al-Baghdadi, que continuou a liderar a expansão do Estado Islâmico dentro da Síria, e a alterar o nome da organização para “Estado Islâmico do Iraque e da Síria”, como forma de dar relevância aos territórios que já tinha conquistado. Esta atitude levou a que a Al-Qaeda terminasse a relação, que nunca tinha sido oficializada, entre as duas organizações.

Em Fevereiro de 2014, Ayman al-Zawahiri, emitiu um comunicado, em web fóruns, relacionados com a jihad: “[Al-Qaeda] has no connection with the group called the ISIS, as it was not informed or consulted about its establishment. It was not pleased with it and thus ordered its suspension. Therefore, it is not affiliated with al-Qaeda and has no organizational relationship with it. (...) Al-Qaeda is not responsible for ISIS’s actions,”.

Ayman al-Zawahiri “repudiava publicamente o ISIS, o que correspondia, no fundo, a expulsá-lo da rede de afiliados da al-Qaeda” (Stern & Berger, 2015). Estas declarações, deram a ideia à comunicação social de que o Estado Islâmico tinha sido repudiado pela Al-Qaeda porque era demasiado extremista. Embora seja verdade, o que é mais exacto dizer é que Ayman al-Zawahiri, repudiou o Estado Islâmico “devido ao desafio público aos seus desejos e ordens.” (Stern & Berger, 2015). Como consequência destas declarações, o Estado Islâmico respondeu com assassinato de Abu Khaled al-Suri e começou a combater a Frente al-Nusra. Este conflito, nada tem de filosófico ou teológico, “mas a nudez crua do assassinio pelo poder.” (Rogeiro, 2015).

9. Capítulo VI – Resposta ao Terrorismo

O terrorismo tem vindo a preocupar a política de segurança de vários países e instituições mundiais, ao longo dos anos. Esta preocupação tem se reflectido na aprovação de vários instrumentos jurídicos internacionais relacionados com o terrorismo.

Entre os principais instrumentos internacionais sobre atos terroristas pode-se citar os seguintes:

- Convenção Referente às Infracções e a Certos Outros Actos Cometidos a Bordo de Aeronaves, de 14 de Setembro de 1963 - Convenção de Tóquio;
- Convenção para a Repressão da Captura Ilícita das Aeronaves, de 16 de Dezembro de 1970 – Convenção de Haia;
- Convenção da Organização dos Estados Americanos para a Prevenção e a Punição de Actos de Terrorismo sob a Forma de Crimes contra as Pessoas e Extorsão que Sejam de Relevância Internacional, de 2 de Fevereiro de 1971, em Washington, D.C.;
- Convenção para a Supressão de Actos Ilícitos contra a Segurança da Aviação Civil, de 23 de Setembro de 1971 – Convenção de Montreal;
- Convenção sobre a Prevenção e Punição de Crimes contra as Pessoas Internacionalmente Protegidas, incluindo os Agentes Diplomáticos, de 14 de Dezembro de 1973 - Convenção de Nova Iorque;
- Convenção Europeia para a Supressão do Terrorismo, de 27 de Janeiro de 1977, em Estrasburgo;
- Convenção contra a Tomada de Reféns, de 17 de Dezembro de 1979 - Convenção de Nova Iorque;
- Convenção sobre a Protecção Física de Materiais Nucleares, de 26 de Março de 1980, assinada em Viena e Nova Iorque;

- Convenção da Associação do Sul da Ásia para a Cooperação Regional sobre a Supressão do Terrorismo, de 4 de Novembro de 1987, assinada em Kathmandu;
- Convenção para a Supressão de Certos Actos Ilícitos contra a Segurança da Navegação Marítima e o Protocolo Adicional para a Supressão de Actos Ilícitos contra a Segurança das Plataformas Fixas Localizadas na Plataforma Continental, de 10 de Março de 1988 – Convenção de Roma;
- Protocolo para a Repressão de Actos Ilícitos de Violência nos Aeroportos ao Serviço da Aviação Civil Internacional, complementar à Convenção para a Repressão de Actos Ilícitos contra a Segurança da Aviação Civil, de 24 de Fevereiro de 1988, em Montreal;
- Convenção Árabe sobre a Supressão do Terrorismo, de 22 de Abril de 1988, no Cairo;
- Convenção sobre a marcação dos explosivos de plástico para efeitos de detecção, de 1 de Março de 1991 - Convenção de Montreal;
- Convenção Internacional Global em Matéria de Terrorismo e Convenção para a Supressão de Actos de Terrorismo Nuclear - Resolução n.º 51/210, da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, de 17 de Dezembro de 1996;
- Convenção Internacional para a repressão de atentados terroristas cometidos com bombas, de 15 de Dezembro de 1997 - Convenção de Nova Iorque;
- Convenção para a Supressão do Financiamento do Terrorismo, Nova Iorque, 1999 - Convenção de Financiamento do Terrorismo;
- Tratado para Cooperação entre os Estados-Membros da CEI no Combate ao Terrorismo, a 4 de Junho de 1999, em Minsk;
- Convenção da Organização da Conferência Islâmica sobre o Combate ao Terrorismo Internacional, de 1 de Julho de 1999, em Ouagadougou;
- Convenção da Organização dos Estados Africanos sobre a Prevenção e o Combate ao Terrorismo, a 14 de Julho de 1999, em Argel;

- Convenção para a eliminação do financiamento do terrorismo, de 9 de Dezembro de 1999 - Convenção de Nova Iorque;
- Carta da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa sobre Prevenção e Combate ao Terrorismo, adoptada na décima reunião do Conselho de Ministros, de 6 e 7 de Dezembro de 2002, no Porto;
- Declaração para Prevenção, Combate e Eliminação do Terrorismo, adoptada na Conferência Inter-Americana Especializada sobre Terrorismo, de 26 de Abril de 1996, em Lima;
- Compromisso de Mar del Plata, da II Conferência Inter-Americana Especializada sobre Terrorismo, de 23 e 24 de Novembro de 1998;
- Decisão-Quadro 2002/475/JAI, do Conselho da União Europeia, relativa à luta contra o terrorismo, de 13 de Junho de 2002;
- Posição Comum 2001/931/PESC, do Conselho da União Europeia, relativa à aplicação de medidas específicas de combate ao terrorismo, de 27 de Dezembro de 2001;
- Convenção Internacional para a Supressão de Atos de Terrorismo Nuclear, Convenção contra o Terrorismo Nuclear de 2005;
- Protocolo do Protocolo para a Repressão de Atos Ilícitos contra a Segurança das Plataformas Fixas Localizadas na Plataforma Continental de 2005;
- Protocolo da Convenção para a Repressão de Atos Ilícitos contra a Segurança da Navegação Marítima de 2005;
- Protocolo Adicional à Convenção para a Repressão da Captura Ilícita de Aeronaves, de 2010.

Ao longo destes anos, houve actualizações que se foram realizando devido à constante evolução dos atentados que vão sendo praticados pelas organizações terroristas. Mas “é escassa a normatividade” destes instrumentos sobre actos terroristas, “não só pelos poucos Estados vinculados como pela imperfeição das soluções-substantivas e processuais-que foram nelas plasmadas.” (Gouveia, 2013).

No caso da União Europeia, existe o compromisso estratégico de combater o terrorismo em todo o mundo, no pleno respeito pelos direitos humanos, e tornar a Europa mais segura, para que os seus cidadãos possam viver num espaço de liberdade, segurança e justiça.

Para fazer face a tal ameaça, a União Europeia estabeleceu uma estratégia de luta contra o terrorismo (União Europeia, 2011) baseada em quatro objectivos: Prevenir, Proteger, Perseguir e Responder.

O pilar Prevenir visa lutar contra a radicalização e o recrutamento para o terrorismo, identificando os métodos, a propaganda e os instrumentos utilizados pelos terroristas.

O pilar Proteger visa reduzir a vulnerabilidade dos alvos a atentados e limitar o impacto destes. Este pilar propõe a realização de uma acção colectiva a nível da segurança fronteiriça, dos transportes e de todas as infra-estruturas transfronteiras.

O pilar Perseguir visa perseguir os terroristas para além das fronteiras, assegurando simultaneamente o respeito dos direitos humanos e do direito internacional.

E o último pilar é Responder, uma vez que não é possível anular completamente o risco de atentados terroristas. Cabe aos Estados Membros lidarem com os atentados quando eles ocorrem.

Os mecanismos de resposta face a ataques terroristas são muitas vezes idênticos aos postos em prática em caso de uma catástrofe tecnológica ou provocada pelo homem.

Ainda recentemente, a Europa, deu mais uns passos na luta contra o terrorismo, após os atentados à revista Charlie Hebdo, em Paris. Vários países europeus reagiram com propostas para o combate ao terrorismo, devido ao discurso institucional que criou “um estado emotivo e um “contexto psicossocial” que, por sua vez, se traduzirão numa forte pressão no sentido de alterações legislativas que vão de encontro às novas “preocupações”, “necessidades” e “aspirações” da sociedade.” (Ventura, Julho - Dezembro de 2013).

Em França, foi proposta uma vigilância mais apertada das redes sociais; o reforço nos serviços de informação; isolamento dos muçulmanos radicais nas prisões e criação de uma lista de condenados por terrorismo que têm de indicar onde moram e de se submeter a controlo policial.

Na Bélgica foi proposta a criminalização das actividades de recrutamento e formação das células terroristas; a perda de nacionalidade mediante a participação em actividades terroristas; o passaporte e o bilhete de identidade confiscados e o isolamento na prisão dos presos ligados a crimes terroristas, no caso o isolamento dos muçulmanos radicais nas prisões.

No Reino Unido, foi proposta a proibição de meios de comunicação encriptados, casos do snapchat e o whatsapp; apreensão de passaporte em casos suspeitos e a obrigação de as companhias aéreas entregarem a lista de passageiros.

Na Alemanha, foi proposta a criminalização do financiamento a grupos terroristas; a criminalização da saída do país de possíveis jihadistas e a apreensão do bilhete de identidade a islamistas potencialmente perigosos.

Em Espanha, foi proposta a pena máxima de prisão para crimes ligados ao terrorismo.

Os terroristas são criminosos e a lógica da luta contra o terrorismo tem que ser a do modelo criminal. Deverão levar-se a tribunal os terroristas. Terão que ser perseguidos, julgados e punidos. No caso do Estado Islâmico e da Al-Qaeda, a solução para o problema passa por dois caminhos: enfrentar as organizações e não legitimar a ideologia jihadista.

A 8 de Agosto de 2014, os Estados Unidos da América iniciaram ataques aéreos contra o Estado Islâmico às portas da cidade curda de Irbil, no Iraque. Os Estados Unidos da América, têm receio que o Estado Islâmico consiga formar um estado que sirva de plataforma de lançamentos de ataques contra o seu país. O presidente Obama determinou o bombardeamento das zonas controladas pelo Estado Islâmico. Actualmente, cerca de 60 países fazem parte da coligação, nomeadamente França, Holanda, Alemanha, Austrália, Canadá, Bahrein, Jordânia,

Qatar, Arabia Saudita, Turquia, Qatar, Emirados Árabes Unidos, mas os Estados Unidos da América fornecem o material bélico.

O Reino Unido participa com material de vigilância. A acção desta coligação é efectuar ataques aéreos às posições do Estado Islâmico, da Frente al-Nusra e também de “uma célula da qual praticamente não se tinha ouvido falar, composta por veteranos da Al-Qaeda Central que tinham sido enviados para a Síria chamado Grupo Khorasan.” (Stern & Berger, 2015). Este grupo Khorosan «Terra do Sol», nome de código para uma espécie de força especial secreta da Al-Qaeda, com cerca de 60 especialistas, vindos de países como a Chechénia, o Cazaquistão e a Malásia, foi destruído por forças da coligação em 2014.

A coligação não tem tropas no terreno, mas coordena-se com as forças curdas que estão no terreno, com o fornecimento de armas e munições para combater o Estado Islâmico.

Actualmente o Iraque conta com o apoio de várias milícias, entre curdos, xiitas e cristãos, com o apoio da Rússia no fornecimento de armas e também com a ajuda de especialistas militares de países ocidentais.

Recentemente a Rússia começou a utilizar aviões no combate ao Estado Islâmico e o Irão também declarou estar disponível para tomar parte mais activa na guerra contra o Estado Islâmico.

A Comissão Internacional Independente de Inquérito da ONU sobre a Síria concluiu que o Estado Islâmico terá cometido crimes de guerra e crimes contra humanidade, devendo ser responsabilizado por organizações como o Tribunal Penal Internacional.

A melhor defesa contra a ideologia do terrorismo é ter as comunidades e instituições locais bem informadas e bem preparadas. Enquanto não se conseguir isolar o seu discurso, pode-se até destruir o Estado Islâmico e a Al-Qaeda, mas dificilmente acabará o terrorismo jihadista global. Assim é necessário estudar as suas capacidades para se poder actuar. Não se deve fazer nenhuma concessão, nem acordo para com os terroristas. Dever-se-á isolar os estados que apoiam o

terrorismo e fazer pressão para mudar o seu comportamento e extinguir os recursos financeiros dos terroristas.

Só se consegue combater o jihadismo global se houver cooperação internacional e cooperação entre os organismos nacionais, com base nas informações e nas acções operacionais; boas bases de dados e melhoria da análise de informações. Quanto mais estudado e melhor conhecido, melhor será combatido, tanto em termos militares, diplomáticos, das informações e na aplicação de leis.

10. Conclusões Finais

A influência da Al-Qaeda representou um papel importante no crescimento no Estado Islâmico, pois como esse grupo possuía um grande destaque mediático na cena internacional, as referências de apoio ao Estado Islâmico e, posteriormente, as críticas efectuadas, permitiram que a sociedade internacional tomasse atenção a este novo grupo terrorista em ascensão. Mais do que o apoio de outras organizações terroristas, é possível observar que o factor que mais contribuiu para o crescimento veloz da importância deste grupo a nível internacional foi o aumento, em quantidade e diversidade, dos apoiantes que suportam a estrutura do Estado Islâmico. Não apenas o apoio dos cidadãos sírios e iraquianos que se envolveram na luta por uma questão de proximidade, não só à causa defendida, mas também física, mas cada vez mais de cidadãos de outros locais do globo, tem vindo a ser extremamente relevante para demonstrar a importância do grupo no plano internacional. Nunca se tinha observado, com qualquer outro grupo terrorista, uma adesão tão grande de cidadãos estrangeiros, muito menos quando relacionada com os cidadãos de origem ocidental que hoje em dia se dedicam a combater pelos ideais do Estado Islâmico. A verdade é que também nenhuma outra organização terrorista tinha feito uma campanha de mobilização de apoiantes tão eficaz como a que foi realizada por esta, com a criação até da sua própria plataforma mediática oficial. Esta variedade de apoiantes permite, sem dúvida, que o alcance das acções do Estado Islâmico seja cada vez mais transnacionais.

Deverá haver intervenção militar, com a colocação de tropas no terreno?

Deverá ser combatido o Estado Islâmico por dentro, através da sociedade iraquiana e síria?

Deveremos rever os mecanismos de acção do sistema internacional?

O que poderei afirmar é que o Estado Islâmico é uma extensão e é mais poderoso do que a Al-Qaeda. E que sem termos um objectivo, não podemos derrotar o Estado Islâmico. Ataques aéreos podem ser desmoralizadores, mas não

destroem tudo. A guerra será longa. Na minha opinião, deve-se isolar o Estado Islâmico, pois a sua estratégia baseia-se na expansão. Conseguindo travar essa expansão, a riqueza pode vir a terminar e desta maneira, pode vir a colapsar.

Mas os motivos reais destas duas organizações são inequivocamente de ordem política e de estratégia. Nos dias de hoje, os seus motivos prendem-se com a tentativa de mudança de alguns regimes existentes em países árabes, de libertar a interferência ocidental do Médio Oriente. Para alcançar estes objectivos, estas organizações não olham a meios, conseguindo criar células terroristas em todo mundo. Estas organizações terroristas, são como uma empresa, tem um sistema de comunicação em rede, com uma hierarquia própria, funções específicas e autonomia de acção. Estamos neste século, perante um novo terrorismo, que tem um carácter internacional, pois não é restrito a fronteiras de um Estado.

O terrorismo radical islâmico é neste momento uma ameaça transversal e omnipresente, com rostos, com origens, que mancha de sangue vários locais do mundo, querendo impor uma nova sociedade no mundo ocidental e no mundo islâmico não radical, levando à destruição da sociedade existente.

Para se combater uma distorção religiosa para fins políticos é necessário conhecer o verdadeiro significado religioso, que nos vai servir para detectar os radicais dos moderados, bem como funcionar como contra propaganda ao jihadismo global. O terrorismo continuará activo através das suas células espalhadas pelo mundo, que constituem uma série de grupos e até de indivíduos, que se encontram unidos por uma ideologia comum. Na conjuntura actual as informações estratégicas influenciam de diferentes maneiras as organizações e os Estados. Assim, devem adaptar-se ao adversário e às condições das áreas de interesse estratégico em que tem de actuar. Será necessário estabelecer medidas jurídicas internacionais como acordos de extradição e adopção de sanções económicas contra os Estados que patrocinam ou protegem o terrorismo. O fortalecimento do Estado Islâmico preocupa o mundo e em relação à Europa é uma ameaça. A jihad global comandada pela Estado Islâmico não vai desaparecer, pois muitos jihadistas darão seguimento às actividades da organização. O Médio

TERRORISMO: O ESTADO ISLÂMICO, UMA EVOLUÇÃO DA AL-QAEDA
10. Conclusões Finais

Oriente deve ser colocado no processo de paz - se isso não acontecer todo o mundo islâmico será afectado.

“Existe apenas um lugar na terra a que podemos chamar a casa do Islão, e é esse local onde um estado islâmico é constituído e a *sharia* é a autoridade e as leis de Deus são cumpridas... o resto do mundo é a casa de guerra.”

Sayyid Qutb (1967)

11. Bibliografia

- Alves, C. F. (2011). 10 anos que abalaram o mundo. *Revista Única - Expresso*, 20-29.
- Baber, A. (10 de Julho de 2014). O Inimigo Entre Nós. *Visão*, 84-88.
- Bui, D., & Toscer, O. (11 de Setembro de 2014). A era dos bárbaros dot.com. *Visão*, pp. 77-80.
- Callmachi, R. (19 de Agosto de 2014). *Militant Group Says It Killed American Journalist in Syria*. Obtido em 26 de Setembro de 2015, de The New York Times: <http://www.nytimes.com/2014/08/20/world/middleeast/isis-james-foley-syria-execution.html>
- Cameron, D. (3 de Setembro de 2014). *PM's statement to Parliament on opposition to ISIL terrorism*. Obtido em 26 de Setembro de 2015, de <https://www.gov.uk/government/speeches/pms-statement-to-parliament-on-opposition-to-isil-terrorism>
- Carmo, R., & Monteiro, C. (2001). *Eu, Mujahid Usamah Bin Laden - O Homem Invisível*. Mem-Martins: Publicações Europa-América. Lda.
- Carvalho, J. E. (2009). *Metodologia do Trabalho Científico*. Lisboa: Escolar Editora.
- Clarke, R. (2004). *Contra todos os inimigos: o outro lado da luta dos Estados Unidos contra o Terrorismo*. Miraflores: Difel.
- Defarges, P. (2012). *Introdução à Geopolítica*. Lisboa: Gradiva.
- Enzensberger, H. M. (2008). *Os homens do terror*. Lisboa: Sextante Editora.
- Federal Bureau of Investigation. (2006). *Terrorism 2002-2005*. Obtido em 2015 de Setembro de 2015, de The Federal Bureau of Investigation: <https://www.fbi.gov/stats-services/publications/terrorism-2002-2005>
- Forbes International. (12 de Dezembro de 2014). *The World's 10 Richest Terrorist Organizations*. Obtido em 26 de Setembro de 2015, de Forbes: <http://www.forbes.com/sites/forbesinternational/2014/12/12/the-worlds-10-richest-terrorist-organizations/>

- Gordts, E. (16 de Novembro de 2014). *Islamic State Claims It Has Beheaded American Hostage Peter Kassig*. Obtido em 25 de Setembro de 2015, de The Huffington Post: http://www.huffingtonpost.com/2014/11/16/abdur-rahman-peter-kassig-beheaded-isis_n_5948302.html
- Gouveia, J. B. (2013). *Direito Internacional da Segurança*. Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- Hafiz, Y. (30 de Junho de 2014). *What Is a Caliphate? ISIS Declaration Raises Questions*. Obtido em 26 de Setembro de 2015, de The Huffington Post: http://www.huffingtonpost.com/2014/06/30/what-is-a-caliphate-meaning_n_5543538.html
- Hassin, M. (2007). *O Afeganistão secreto: como o antigo centro do mundo influenciou a história*. Lisboa: Estampa.
- Information Please Database. (2015). *Suspected al-Qaeda Terrorist Acts*. Obtido de Infoplease: <http://www.infoplease.com/ipa/A0884893.html>
- Jacquard, R. (2001). *Osama Bin Laden: a estratégia do terror: dossier secreto sobre o terrorista mais procurado do mundo*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Lara, A. (2011). *Ciência Política - Estudo da Ordem e da Subversão*. Lisboa: Edições ISCSP.
- Lara, A. (2014). *Colonização Moderna, Descolonização e Dependência*. Lisboa: Edições ISCSP.
- Levs, J., & Yan, H. (23 de Setembro de 2014). *Western allies reject ISIS leader's threats against their civilians*. Obtido em 25 de Setembro de 2015, de CNN International: <http://edition.cnn.com/2014/09/22/world/meast/isis-threatens-west/index.html>
- Lewis, B. (2003). *A Crise do Islão*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Mansbach, R. W., & Taylor, K. L. (2012). *Introduction to Global Politics*. London: Routledge.

- Masi, A. (9 de Outubro de 2014). *Where To Find ISIS Supporters: A Map Of Militant Groups Aligned With The Islamic State Group*. Obtido em 26 de Setembro de 2015, de International Business Times: <http://www.ibtimes.com/where-find-isis-supporters-map-militant-groups-aligned-islamic-state-group-1701878>
- Mendes, N. C. (2008). *História e Conjuntura nas Relações Internacionais*. Lisboa: Edições ISCSP.
- Mirkinson, J. (2 de Setembro de 2014). *Steven Sotloff, American Journalist, Beheaded by ISIS*. Obtido em 26 de Setembro de 2015, de The Huffington Post: http://www.huffingtonpost.com/2014/09/02/steven-sotloff-beheaded-isis_n_5753564.html
- Moreira, A. (1979). *Ciência Política*. Lisboa: Livraria Bertrand, SARL.
- Musharbash, Y. (12 de Agosto de 2005). *The Future of Terrorism: What al-Qaida Really Wants*. Obtido de Spiegel Online International: <http://www.spiegel.de/international/the-future-of-terrorism-what-al-qaida-really-wants-a-369448.html>
- Nascimento, J. (2002). *O Terrorismo e Seus Intérpretes*. Lisboa: Hugin Editores, LDA.
- Nestel, M. L. (16 de Setembro de 2014). *ISIS Forums Shate Pipe Bomb Instructions for Attacks on NYC, Las Vegas*. Obtido em 25 de Setembro de 2015, de Vocativ: <http://www.vocativ.com/world/isis-2/isis-pipe-bomb-attack-america/?page=all>
- Nye, Jr., J. (2002). *Compreender os Conflitos Internacionais - Uma Introdução à Teoria e à História*. Lisboa: Gradiva.
- Obama, B. (3 de Outubro de 2014). *Statement by the President on the Death of Alan Henning*. Obtido em 26 de Setembro de 2015, de The White House: <http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2014/10/03/statement-president-death-alan-henning>
- Open Letter to Al-Baghdadi - Executive Summary*. (2014). Obtido em 26 de Setembro de 2015, de Letter to Baghdadi: <http://lettertobaghdadi.com/>

- Pantucci, R. (2011). *A Typology of Lone Wolves: Preliminary Analysis of Lone Islamist Terrorists*. Obtido em 25 de Setembro de 2015, de Tracking Terrorism:
http://www.trackingterrorism.org/sites/default/files/chatter/1302002992ICSRPaper_ATypologyofLoneWolves_Pantucci.pdf
- Parliament of the United Kingdom. (20 de Julho de 2000). *Terrorism Act 2000*. Obtido de [legislation.gov.uk](http://www.legislation.gov.uk):
<http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2000/11/contents>
- Pohly, M., & Durán, K. (2011). *Ussama Bin Laden e o terrorismo internacional*. Lisboa: Terramar.
- Ramos, R., Sousa, B., & Monteiro, N. (2012). *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Raposo, L. (14 de Maio de 2011). Novos Rostos do Terror. *Diário de Notícias*, pp. 8-9.
- Rashid, A. (2001). *Os talibãs: o Islão, o petróleo e o novo grande jogo na Ásia Central*. Lisboa: Terramar.
- Rogei, N. (2015). *O Mistério das Bandeiras Negras*. Lisboa: Babel.
- Rogers, P. (2013). Terrorism. Em P. D. Williams, *Security Studies: An Introduction* (pp. 221-234). New York: Routledge.
- Santos, J. (2004). *Convulsões: Ano III da «Guerra» ao Terrorismo: Reflexões sobre Estratégia IV*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Saraiva, J. (2007). *História concisa de Portugal*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, LDA.
- Silva, R. (25 de Julho de 2015). O franchising do terror. *Expresso*, 31.
- Silva, T. (2011). *Islão e Fundamentalismo Islâmico - das Origens ao Século XXI*. Lisboa: Pactor.
- Silva, T. A. (2014). Lobo Solitário Pró-Islamita: Um Novo Paradigma do Terrorismo Internacional. Em A. d. Lara, *Crise, Estado e Segurança* (pp. 235-270). Lisboa: MGI.

- Sistema de Segurança Interna. (2015). *Relatório Anual de Segurança Interna 2014*. Obtido em 26 de Setembro de 2015, de https://www.parlamento.pt/Documents/XIILEG/Abril_2015/relatorioseginterna2014.pdf
- Sommers, J. (18 de Setembro de 2014). *British Hostage John Cantlie Fronts New Islamic State Video "Defending" Terror Group*. Obtido em 25 de Setembro de 2015, de The Huffington Post: http://www.huffingtonpost.co.uk/2014/09/18/islamic-state-john-cantlie_n_5842550.html
- Stern, J., & Berger, J. M. (2015). *Estado Islâmico - Estado de Terror*. Amadora: 20|20 Editora.
- Taibi, C. (21 de Novembro de 2014). *British Hostage John Cantlie Says He Will Likely Be Executed In New ISIS Video*. Obtido em 25 de Setembro de 2015, de The Huffington Post: http://www.huffingtonpost.com/2014/11/21/john-cantlie_n_6200940.htm
- The Long War Journal. (2015). *Al Qaeda's Senior Leaders*. Obtido de The Long War Journal: <http://www.longwarjournal.org/al-qaeda-leaders>
- Tomé, L. (2012). A morte de Bin Laden. *Anuário Janus 2011-2012*, 100-101.
- Torres, J. (2009). *Terrorismo Islâmico - Gestão dos Riscos para a Segurança Nacional*. Coimbra: Universidade Autónoma Editora.
- Towsend, C. (2006). *O terrorismo*. Vila Nova de Famalicão: Quasi.
- União Europeia. (7 de Dezembro de 2011). *Estratégia de luta contra o terrorismo*. Obtido em 26 de Setembro de 2015, de EUR-Lex Access to European Union Law: <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=URISERV:l33275>
- United Nations Security Council. (8 de Outubro de 2004). *Security Council Acts Unanimously to Adopt Resolution Strongly Condemning Terrorism as One of the Most Serious Threats to PEace*. Obtido de United Nations: <http://www.un.org/press/en/2004/sc8214.doc.htm>

- Ventura, A. (Julho - Dezembro de 2013). A "bifurcação" dos sistemas de justiça criminal. Em J. B. Gouveia, *Revista de Direito e Segurança, Ano I - Número 2* (pp. 7-56). Lisboa: Instituto de Direito e Segurança (UNL).
- Weaver, M. A. (8 de Junho de 2006). *The Short, Violent Life of Abu Musab al-Zarqawi*. Obtido em 26 de Setembro de 2015, de The Atlantic: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2006/07/the-short-violent-life-of-abu-musab-al-zarqawi/304983/>

